



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Clínica – PCL

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura – PPGPsiCC

A Feminilidade em Freud: uma Leitura nas Entrelinhas

Vanessa Carrião Torres

Brasília

2025

Vanessa Carrião Torres

A Feminilidade em Freud: uma Leitura nas Entrelinhas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de
Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como
parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre
em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Daniela Scheinkman

Brasília

2025

Vanessa Carrião Torres

A Feminilidade em Freud: uma Leitura nas Entrelinhas

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Banca Examinadora:

Presidente: Prof.^a Dra. Daniela Scheinkman
Universidade de Brasília – UnB

Membro externo: Prof.^a Dra. Márcia Teresa Portela de Carvalho

Membro externo: Prof.^a Dra. Renata Leite Soares
Universidade Federal de Goiás – UFG

Membro interno (suplente): Prof.^a Dra. Carla Sabrina Xavier Antloga
Universidade de Brasília – UnB

Agradecimentos

Agradeço à Prof.^a Dra. Daniela Scheinkman pela apostila neste trabalho e pelo empenho em sustentar a psicanálise no espaço da universidade.

À banca examinadora desta dissertação, pelo aceite do convite para a leitura deste trabalho e pela oportunidade de diálogo.

Aos colegas do LAPSUS – UnB, pelo privilégio de acompanhar de perto o desenvolvimento de trabalhos tão ricos e singulares.

Às amigas Aline Vidal e Vanessa Scheunemann, por compartilharem essa caminhada com afeto e muitas risadas. A companhia vívida e a escuta sempre acolhedora de vocês foram fundamentais nesse percurso.

A Carolina Petitinga, pela leitura atenta e delicada deste trabalho.

À turma de Teorias Psicanalíticas I - 2º/2023 e à Lívia Vieira. Ser monitora me permitiu testemunhar o despertar do entusiasmo pela psicanálise em muitos estudantes.

À turma de Fundamentos da Psicologia Clínica - 1º/2024 e à Professora Valeska Zanello, por possibilitarem muito mais que o exercício da docência. Esse encontro foi uma experiência de intenso aprendizado.

À Bárbara Britto, pela amizade e incentivo que atravessam distâncias oceânicas.

Ao Campus Ceilândia do Instituto Federal de Brasília, pelo seu compromisso com a educação que se estende aos seus servidores e servidoras. Um agradecimento especial à equipe da Coordenação de Assistência Estudantil e Inclusão Social - CDAE que, mesmo diante das adversidades, sustenta um espaço de escuta e acolhimento dos estudantes.

À “primeiranalista”, pela possibilidade de repetir, repetir até ficar diferente.

À Raquel Ghetti, pela amizade que resiste às ausências sem se enfraquecer. Pelo apoio em todos os momentos, mesmo quando os desafios também a alcançam. Pela parceria no trabalho. Por ter escutado meus sonhos e me apresentado à psicanálise.

Aos meus pais, Nara e João, por todo o amor. Mesmo sem compreender bem meus caminhos e sentindo minha ausência quando a escrita me exigiu solidão, me apoiaram com afeto e fé, me incentivando a seguir meus passos.

Ao Daniel, meu marido, por tanto... Pelo apoio incondicional, por ser fortaleza quando vacilo, por me fazer rir até mesmo quando eu choro. Por ser sempre o primeiro leitor dos meus escritos e, principalmente, por escrever, junto comigo, a nossa história.

Tudo acaba mas o que te escrevo continua.

O que é bom, muito bom.

O melhor ainda não foi escrito.

O melhor está nas entrelinhas.

– Clarice Lispector, *Água Viva*

Resumo

As elaborações de Sigmund Freud acerca da feminilidade perpassam toda a sua obra e se entrelaçam à constituição da psicanálise. A mulher surge como um nó fundamental, seja na figura das histéricas, que marcaram a fundação do campo psicanalítico, seja em toda a trama conceitual que se produziu em torno desse tema. Para Freud, a assunção à feminilidade, como ápice do desenvolvimento sexual normal, estaria vinculada à maternidade, delineando, assim, uma equivalência entre mulher e mãe. Assim, o objetivo deste trabalho é atravessar alguns pontos da trama freudiana sobre a feminilidade, realizando uma leitura nas entrelinhas em busca de outros destinos possíveis. A dissertação organiza-se em três capítulos, nos quais a feminilidade é abordada sob diferentes perspectivas. No Capítulo 1, analisamos a construção conceitual da feminilidade em Freud, destacando os momentos em que o percurso da menina se singulariza e a equivalência mulher-mãe se impõe. No Capítulo 2, exploramos *O motivo da escolha dos cofrinhos* (1913), texto no qual Freud reafirma essa equivalência. A partir das obras que o inspiraram, buscamos, nas entrelinhas, outras possibilidades para a feminilidade. No Capítulo 3, discutimos as contribuições das mulheres à cultura e buscamos dar novos contornos a uma passagem freudiana que lhes atribui o desenvolvimento das técnicas do trançar e do tecer. Encerramos o trabalho indicando que, no texto *A análise finita e a infinita* (1937), Freud apresenta uma nova concepção da feminilidade, que chamamos de fio solto, um fio a partir do qual cada sujeito pode tecer a si.

Palavras-chave: feminilidade, sexualidade feminina, Freud, psicanálise

Abstract

Sigmund Freud's elaborations on femininity permeate his entire work and intertwine with the very constitution of psychoanalysis. Woman emerges as a fundamental knot, whether in the figure of hysterics, who marked the foundation of the psychoanalytic field, or in the entire conceptual framework produced around this theme. For Freud, the assumption of femininity, as the pinnacle of normal sexual development, would be linked to motherhood, thus delineating an equivalence between woman and mother. Thus, the objective of this work is to traverse certain points in Freud's web of thought on femininity, conducting a reading between the lines in search of other possible destinies. The dissertation is structured into three chapters, in which femininity is approached from different perspectives. In Chapter 1, we analyze the conceptual construction of femininity in Freud, highlighting the moments when the girl's trajectory becomes singular and the woman-mother equivalence is imposed. In Chapter 2, we explore *The Theme of the Three Caskets* (1913), a text in which Freud reaffirms this equivalence. Drawing from the works that inspired him, we seek, between the lines, other possibilities for femininity. In Chapter 3, we discuss women's contributions to culture and aim to reshape a Freudian passage that attributes to them the development of the techniques of braiding and weaving. We conclude the study by indicating that, in *Analysis Terminable and Interminable* (1937), Freud presents a new conception of femininity, which we call loose thread, a thread from which each subject can weave themselves.

Keywords: femininity, female sexuality, Freud, psychoanalysis.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
O Avesso do Texto.....	10
O Risco.....	12
A Costura como Método.....	18
Capítulo 1 - A Linha de Freud: A Feminilidade.....	21
1.1 A Trama dos Conceitos.....	21
1.2 Ruminações.....	30
1.2.1 A Histeria como Ponto Inicial.....	32
1.2.2 Seguindo o Fio de Freud.....	36
1.3 Feminilidade e o Nó Mulher-Mãe.....	47
Capítulo 2 - Uma Leitura nas Entrelinhas.....	52
2.1 A Psicanálise e seus Enlaces.....	52
2.2 Três Motivos e Três Textos.....	59
2.2.1 O Motivo da Escolha dos Cofrinhos.....	62
2.2.2 O Mercador de Veneza.....	67
2.2.3 O Rei Lear.....	71
2.3 Feminilidade e o Nó Mãe-Morte.....	76
Capítulo 3 - Sobre Trançar e Tecer.....	82
3.1 A Mulher na Trama da Cultura.....	82
3.2 O Tecer da Feminilidade ou Texto é Tecido.....	91
3.3 Feminilidade como Fio Solto.....	98
Considerações Finais.....	101
Referências Bibliográficas.....	104

Introdução

O Avesso do Texto

O mais importante do bordado é o avesso. É o avesso.

O mais importante em mim é o que eu não conheço. O que eu não conheço.

– Jorge Vercillo, *O que eu não conheço*

No momento em que escrevo este texto, já tenho a dissertação finalizada. Tenho, ao menos, uma primeira versão dela. Foi *a posteriori* que pude elaborar algumas questões. Este texto trata de inícios, do que precedeu a escrita desta dissertação. Neste trabalho, dentre outros pontos, falo sobre escolhas. Talvez tenha falado pouco sobre aquelas que eu mesma fiz. Talvez tenha falado pouco sobre o que me comoveu, ou melhor, sobre o que me moveu à escrita deste trabalho. Aposto nas entrelinhas por entender que a linguagem assim opera, sendo, ao mesmo tempo, enigmática e reveladora. Assim, o próprio processo de escrita de um trabalho acadêmico – que será lido e publicizado – já me parecia revelador demais. Mas, se foi justamente essa a escolha que fiz, talvez deva revelar também o avesso do texto.

O têxtil sustenta este texto para além do uso das metáforas. O têxtil possibilitou a escrita deste trabalho quando, em um laço absolutamente precário, pude provisoriamente inventar um lugar. Me encontrei com a psicanálise quando me encontrei com o divã. O encontro com a teoria veio depois. E, nesses encontros, me deparei com um não-lugar e um não-saber. Por muito tempo, acreditei que essas sensações se relacionavam à minha formação acadêmica. Sou graduada em Serviço Social e, nas instituições de ensino formal, o mais comum era encontrar pessoas graduadas em Psicologia interessadas na psicanálise. Apesar da constante sensação de que esses lugares não eram para mim e de que eu precisava de um saber prévio que não possuía, mantive a aposta no meu percurso.

No início de 2020, finalizei um primeiro escrito referente à minha aproximação inicial com a teoria psicanalítica. E as questões desse primeiro trabalho ainda permanecem: o feminino, a feminilidade e o tempo. Retalhos desse texto também compõem este trabalho. Enfrentei a escrita, sempre muito cara para mim, e precisava aguardar a avaliação final. Foi nesse contexto, poucos dias depois, que o mundo passou a enfrentar a pandemia de Covid-19. Para mim, a pandemia deu novos contornos às sensações de não-lugar – pelo seu oposto, o confinamento – e também ao não-saber, pois tudo era pura imprevisibilidade e a fragilidade da vida estava escancarada. Nem todos puderam ficar em casa, nem todos puderam se proteger. Minha vivência da pandemia contou com esses privilégios: eu tinha um emprego garantido que me permitiu trabalhar de casa. Minha formação em Serviço Social, aquela mesma do não-lugar, foi o que me proporcionou esse... abrigo.

Em razão do meu trabalho como assistente social e da modalidade online que se impôs durante a pandemia, precisei revisitar alguns documentos relacionados à profissão. Conhecia o emblema do Serviço Social como uma tocha no centro de uma balança. Mas, na capa do Código de Ética do/da Assistente Social, à época, a versão mais recente, havia o desenho de algo como uma árvore. Não identifiquei imediatamente aquela imagem; o escrito “fundos murado”, alinhado à raiz, chamou minha atenção e me instigou a saber mais. Tratava-se de um desenho inspirado em um bordado de Arthur Bispo do Rosário. A escolha não foi aleatória, era uma homenagem aos usuários dos serviços sociais. Curiosamente, porém, eu já havia conhecido um pouco da história de Bispo do Rosário através da psicanálise.

Ali, algo se costurou para mim. Algo da dimensão da besteira, de um sentido inventado e precário porque puramente singular. Duas partes que eu achava que não poderiam se conciliar foram enlaçadas por aquele bordado. O Serviço Social e a psicanálise podiam fazer parte do meu percurso. Já faziam, obviamente. O que se revelou naquele momento foi

que, diante do não-lugar e do não-saber, eu poderia fazer algo com isso. Decidi aprender a bordar. Decidi escrever. Não é disso que se trata o feminino? Uma invenção a cargo de cada um frente à angústia do encontro com o real? Não alcancei essa resposta, mas sigo bordejando, bordando e escrevendo.

O primeiro ponto do bordado livre que aprendi se chama ponto atrás. Ele se inicia pelo avesso do tecido e, para constituir o traçado – ou seja, para avançar – é necessário fazer pequenos retornos. Em alguma medida, esta dissertação foi construída assim, como um bordado realizado em ponto atrás. Retomo Freud buscando construir minhas próprias perguntas e caminhos de leitura, propondo, assim, uma costura singular. Essa forma de escrever se relaciona ao meu percurso, mas, sobretudo, ao meu estilo: preciso percorrer o caminho à minha maneira, ainda que isso implique um avanço mais lento e mesmo que precise retroceder. Não tenho pressa, afinal, não se deve compreender rápido demais. Aprecio encontrar a novidade naquilo que, para o outro, já é sabido.

O avesso do ponto atrás é o ponto haste. Assim, se na frente do tecido o ponto atrás se assemelha a um pontilhado, no avesso ele forma um fio contínuo. No avesso, este trabalho se constituiu como efeito do trabalho analítico que o precedeu e que ainda ressoa.

Não estou certa se esta parte do texto constará na versão final da dissertação. Por ora, sigo me inspirando em Bispo do Rosário, que, em um de seus estandartes, escreveu: “Eu preciso destas palavras *escrita [sic]*”. Escrita, assim, no singular. Aprecio estar entrelinhas.

O Risco

O que apresentaremos aqui nesta breve introdução se assemelha ao risco marcado no tecido que antecede o bordado: permite apenas que tenhamos uma breve noção do trabalho, aponta alguns contornos, mas não é capaz de revelar os matizes de cores, texturas, fios soltos e os furos que constituem o tecido do texto, que é sempre inacabado. Aqui, pretendemos

atravessar alguns pontos da trama freudiana sobre a feminilidade e seus enlaces com os campos da literatura e da mitologia. Esse é o risco que seguiremos.

As elaborações de Freud acerca da feminilidade perpassam toda sua obra e se fundem com a própria constituição da psicanálise. Neste sentido, parece que podemos tomar a mulher como um nó a partir do qual se teceu a psicanálise, seja na figura das histéricas, cujo encontro com Sigmund Freud foi determinante para a fundação deste campo, seja por toda trama conceitual que se produziu em torno da questão sem resolução acerca do que é a mulher. (Freud, 1933/2019a). Trata-se de um nó que deu início ao trabalho de Freud, mas que também é um constante ponto de retorno.

A psicanálise nasceu a partir da escuta das histéricas, com seus corpos com sintomas inexplicáveis que denunciavam os desejos interditados. Se ao fim de suas construções teóricas Freud alça a feminilidade à enigma e questiona “o que quer uma mulher?”, seu percurso teórico aponta para uma problemática distinta e anterior. Freud investigou, ao longo de sua obra, o processo do tornar-se mulher e sua construção não foi realizada sem constantes retomadas. Freud se depara com singularidades no desenvolvimento da menina à mulher e localiza na fase pré-edípica, na relação da menina com a mãe, um momento crucial de seu percurso. Já ao final de sua teorização, Freud aponta que a sexualidade da menina pode se desenvolver em três direções: “uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à *feminilidade normal*” (Freud, 1933/2019a, p. 331). A feminilidade normal, como veremos de maneira mais detalhada ao longo deste trabalho, seria resultado de um processo em que a menina opera as trocas de zona erógena e objeto e estaria relacionada à maternidade.

O que guia nosso trabalho é uma pergunta que se impõe a partir desta concepção de feminilidade formulada por Freud: a equação falo = bebê, que corresponde à mulher = mãe, é a única possível? É certo que este debate não é novo, mas certamente não foi superado. As

proposições freudianas sobre as mulheres e a feminilidade constituíram-se como base para o desenvolvimento teórico no campo psicanalítico e, também, são pontos de debates nos estudos feministas e de gênero. Reconhecemos a relevância desse debate, mas, neste trabalho, nos concentraremos em um cotejamento interno do pensamento freudiano. Nossa percurso parte da obra de Freud e nela se desenrola, numa tentativa de nos aproximarmos de suas ideias, não como um fim em si mesmo, mas como um ponto de partida para novas elaborações. Assim, o objetivo deste trabalho é atravessar alguns pontos da trama freudiana sobre a feminilidade, realizando uma leitura nas entrelinhas, em busca de algo que possa nos indicar a possibilidade de constituição de outros destinos para a feminilidade. Freud construiu suas elaborações a partir da escuta clínica, daquilo que ouvia e observava de seus pacientes. Era um homem da ciência, mas sempre dialogava com outros campos e, portanto, seu recurso à mitologia e à literatura são bastante presentes nos seus textos. Seguir o fio freudiano nos levou também a esse enlace.

Freud nunca se furtou ao debate de suas ideias, ao contrário, sempre buscou interlocutores e seu espírito científico reverberou por todo o campo que fundou. E muito tem se produzido no campo psicanalítico desde então e não estamos incólumes a toda essa produção. No entanto, neste trabalho atravessamos internamente a trama da obra de Freud. Muito embora tenha sido a partir da clínica lacaniana que conheci a psicanálise, e ainda que seja para ela que meu percurso aponte, concentrar as reflexões deste trabalho nos textos freudianos foi um caminho que foi se constituindo ao longo da construção desse trabalho. Um ponto da teoria freudiana levava a uma obra, que levava a outra e a outra, o que, para mim, soou sempre como um convite ao próximo texto. Assim, seguir o fio da meada de Freud, ainda que possa guardar algo de uma escolha sintomática, também dá notícias dos efeitos do *a posteriori* no processo de escrita. Entre o projeto inicial e este trabalho, um texto inteiramente novo foi construído.

Esse caminho teórico e metodológico também guarda seus desafios, já que muitos dos estudiosos e comentadores cotejam a obra de Freud com outros autores. Em recente trabalho de revisão sistemática de literatura, Camila Berto e Érico Campos (2022) analisaram 46 artigos publicados entre 1999 e 2019 acerca do tema da feminilidade e do feminino em psicanálise. Quanto ao referencial teórico utilizado, os autores apontaram que 50% dos artigos utilizaram Freud e Lacan como principais referências, 39% apenas Lacan e apenas dois artigos utilizaram predominantemente a teoria freudiana. Assim, ainda que a tentativa aqui seja ler Freud a partir de Freud, não é possível garantir de que algo, fora do escopo freudiano, não escape e fale pela ponta dos dedos neste trabalho.

Trata-se, sobretudo, de uma travessia. A teoria freudiana, neste sentido, é o tecido sobre o qual tecemos nosso texto. É, portanto, através de Freud que vamos construindo nosso texto nas entrelinhas. Essa dissertação está organizada em três capítulos alinhavados entre si pelo tema da feminilidade tomada a partir de diferentes textos e perspectivas de Freud: da constituição conceitual, perpassando a literatura e suas ideias acerca da formação da cultura.

No capítulo 1, *A Linha de Freud: A Feminilidade*, partimos de questões sobre nomeação. Qual é a palavra que é capaz de traduzir com exatidão o que queremos transmitir neste trabalho? Sabemos, todavia, que operar na e com a linguagem é operar com o mal-entendido, com a impossibilidade de dizer tudo. Assim, elaboramos um breve panorama acerca do uso contemporâneo de termos que circundam o tema da feminilidade, como mulher, sexualidade feminina, feminino e hysteria. A diversidade de perspectivas ratificou o que havíamos proposto como trilha: seguir o fio freudiano. Freud construiu sua teoria sobre a feminilidade a partir da função sexual. E, tendo isso como base, enfrentou dificuldades diversas que resultaram tanto em avanços teóricos como em questões que ainda permanecem candentes para psicanálise. Freud partiu de um paralelismo entre o desenvolvimento sexual de meninos e meninas e deparou-se com singularidades no percurso *delas*. Assim,

percorrendo os textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Organização genital infantil* (1923), *O declínio do complexo de Édipo* (1924), *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), buscamos pontuar os momentos em que o percurso da menina à mulher se singulariza até a assunção à feminilidade. Como mencionamos, Freud indica a maternidade como destino da feminilidade, delineando uma certa equivalência entre mulher e mãe. E é a partir dessa equivalência, retratada novamente em uma outra obra freudiana, que passamos ao capítulo seguinte.

No capítulo 2, *Uma Leitura nas Entrelinhas*, seguir o fio freudiano nos levou aos enlaces da psicanálise com a mitologia e a literatura. Assim, inicialmente situamos os contornos desse enlace na teoria freudiana. Nos propomos, em seguida, a realizar uma leitura do texto de Freud de 1913, intitulado *O motivo da escolha dos cofrinhos*. Freud indica que a inspiração para a escrita desse texto veio de duas peças de William Shakespeare: *O Mercador de Veneza* e *o Rei Lear*. Assim, inspiradas por Freud, partimos também para a leitura dessas peças. Freud concentra sua análise no tema de uma escolha triádica que se repete nessas obras e propõe que a repetição dessa temática seria uma atualização do mito grego das Moiras, as três irmãs fiamdeiras, responsáveis por tecer o destino dos homens. Para Freud, elas representam as inevitáveis ligações dos homens com as mulheres: “a própria mãe, a amada que ele escolhe de acordo com a imagem desta e, por fim, a mãe terra, que novamente o acolhe” (Freud, 1913/2017d, p. 181). Dizendo do destino dos homens, Freud acabou por traçar também um destino para as mulheres: de formas distintas, a mulher é a mãe. Nossa leitura das peças se concentra no enredo de maneira mais ampla, para que, nas entrelinhas, possamos buscar outros destinos para a feminilidade. Das Moiras e de sua habilidade como tecelãs, alinhavamos o capítulo seguinte.

O capítulo 3, *Sobre Trançar e Tecer*, que finaliza este trabalho, se assemelha a um ponto de retorno. Sua forma de construção e o traçado que desenvolvemos remetem (ou, como na costura, arrematam) aos dois capítulos anteriores. Neste último capítulo buscamos dar novos contornos a uma passagem freudiana que consta no texto *A feminilidade*: “pensa-se que as mulheres fizeram poucas contribuições para os descobrimentos e invenções da história cultural, mas talvez elas tenham, afinal, inventado uma técnica, a do trançar e a do tecer” (Freud, 1933/2019a, p. 338). Inicialmente, buscamos investigar na obra freudiana, em especial nos textos chamados culturais, qual lugar ele atribui à mulher na construção da cultura. Para isso, pinçamos algumas das suas ideias apresentadas em quatro textos: *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna* (1908), *Totem e Tabu* (1913), *O mal-estar na cultura* (1930) e *Sobre a conquista do fogo* (1932). Partimos da compreensão de que o que Freud propõe nos seus textos culturais é a construção de uma mitologia acerca da formação da cultura, assim, nos mantemos no terreno da psicanálise sem adentrar aspectos propriamente sociológicos da questão. Em seguida, tomamos o significante “tecer”, buscamos brevemente sua história e, em sua polissemia, nos reencontramos com a literatura e com a mitologia. Recorrendo à releitura da figura de Penélope e à Marina Colasanti no conto *A moça tecelã* (2020), propomos que o fazer-se e desfazer-se da costura é um artifício propriamente feminino. Dado que o trabalho (de análise e da construção de um texto) comporta partes termináveis e outras partes intermináveis, fechamos o trabalho indicando que, no texto *A análise finita e a infinita* (1937), Freud apresenta uma nova concepção da feminilidade que chamamos de fio solto, um fio a partir do qual cada sujeito pode tecer a si mesmo.

Por fim, deixamos registrado aqui que este trabalho é, acima de tudo, um convite à leitura: deste texto, de Freud, dos autores com quem ele dialoga, de obras literárias escritas

por mulheres e de tudo aquilo que remete à escrita feminina. Acreditamos, assim como Clarice Lispector, que o melhor está nas entrelinhas.

A Costura como Método

A questão de pesquisa precisa decorrer de um trabalho preliminar, este de ordem psicanalítica: seja um tempo de experiência analítica, seja um tempo de elaboração do sujeito que virá a formular sua questão, mas sempre a partir de algum encontro com algum ponto real da experiência, na vida, no trabalho, na análise.

– Luciano Elia, *A ciência da psicanálise*

A extensão e profundidade da obra freudiana permite que sejam traçados caminhos de leitura diversos. Segundo o próprio Freud, a leitura dos textos psicanalíticos só comove o leitor quando algo do que está escrito ecoa no sujeito (Freud, 1937/2017a). Essa parece ser a primeira ponta, o início do fio da meada, sobre a pesquisa no campo psicanalítico. Partindo da compreensão de que a pesquisa psicanalítica tem como fundamento o método psicanalítico, fica evidenciada a singularidade e radicalidade deste campo, que reside na inexorável presença do inconsciente. Se o processo de análise pode ser lido como a investigação sobre o próprio padecimento, a pesquisa psicanalítica também diz algo do sujeito-pesquisador.

Tomar o analisante como arquimodelo do pesquisador é a proposição de Iribarry (2003), que afirma que o pesquisador psicanalítico é movido por sua subjetividade e é, na verdade, o primeiro sujeito de sua pesquisa. Isto porque a situação psicanalítica de tratamento e a situação psicanalítica de pesquisa estão assentadas sob um mesmo campo: o inconsciente. Assim, como propõem Figueiredo e Minerbo (2006), a suposta distância entre categorias como pesquisador, objeto de pesquisa, referencial teórico, que o discurso universitário busca

tomar como seu paradigma, não se sustenta no campo da pesquisa psicanalítica. Na pesquisa psicanalítica, “o pesquisador se transforma com o objeto, deixa-se fazer por ele e, em compensação, o constrói na medida em que avançam suas elaborações e descobertas” (Gregório & Amparo, 2022, p. 3). É um trabalho sobre o tecer: o texto e a si mesma.

A transferência, que move a análise, também se faz presente na pesquisa psicanalítica. O que diferencia a transferência que se dá na clínica desta, que se passa na pesquisa, todavia, é o destino dado à transferência. Se no âmbito do tratamento psicanalítico a transferência deve caminhar para a dissolução, na pesquisa psicanalítica a transferência deve ser instrumentalizada para a escrita de um texto (Iribarry, 2003). O pesquisador supõe um saber ao texto, cujas palavras são vivificadas pelos sentidos que o leitor-pesquisador lhes atribui (Mrech, 2018). É, portanto, a partir das entrelinhas que o sujeito-pesquisador pode fazer algo singular.

O método da pesquisa psicanalítica também toma de empréstimo da clínica a aplicação da atenção flutuante, entendida como mecanismo que permite a surpresa e consequente construção de um novo sentido (Figueiredo & Minerbo, 2006). Nesta mesma linha de pensamento, Iribarry (2003) propõe que a pesquisa em psicanálise se trata de uma leitura dirigida pela escuta: colocar-se frente ao texto, no domínio do significante, até que algo salte e se abra para um novo sentido. Se tomarmos o texto como tecido, tal como propõe Roland Barthes (2013), a pesquisa psicanalítica parece se tratar de um alinhavar dos significantes, a partir dos furos e fios que se destacam nas entrelinhas – e não um recobrir-se do véu tecido do autor. A pesquisa em psicanálise exige a criação de uma trama própria.

No campo psicanalítico é, então, do encontro do sujeito-pesquisador com aquilo que lhe faz questão que pode advir uma construção singular para o campo teórico. Trata-se aqui de um “estar às voltas” com o feminino e, escrever um texto, o recurso encontrado, uma tentativa de fazer borda com esse real enigmático. A estratégia de pesquisa aqui é percorrer

os textos de Freud e permitir que novas costuras se façam entre eles sem que se saiba, de antemão, em que pontos eles poderão se entrelaçar (Gregório & Amparo, 2022).

Capítulo 1 - A Linha de Freud: A Feminilidade

Corresponde à singularidade da psicanálise não querer descrever o que a mulher é – isso seria para ela uma tarefa quase impossível de resolver –, mas, sim, pesquisar como ela se torna mulher.

– Sigmund Freud, *A feminilidade*

1.1 A Trama dos Conceitos

Em algumas artes têxteis como no bordado livre há, dentre as técnicas para iniciar o bordado, um ponto chamado nó invisível. É o primeiro ponto do trabalho. Ele consiste em laçar um fio da trama do tecido com a linha que se vai realizar o bordado. Assim, é a partir desse ponto originário que todo o trabalho é realizado posteriormente e, ainda que guardando distâncias diferentes, contendo suturas e emendas, os demais pontos ficam enlaçados a ele. Parece que podemos tomar a mulher como um nó invisível a partir do qual se desenvolveu a psicanálise, seja na figura das histéricas, cujo encontro com Sigmund Freud foi determinante para a fundação deste campo, seja por toda trama conceitual que se produziu em torno da questão sem resolução, como Freud (1933/2019a) anunciou, acerca do que é a mulher. Feminilidade, feminino, sexualidade feminina são algumas noções que encontramos no campo psicanalítico e se alinhavam a essa questão.

Em 1933, Freud publicou o texto intitulado *A feminilidade*. A nosso ver, ao contrário do que o título parece indicar, Freud não nos oferece, de início, um delineamento conceitual claro. Em vez disso, ele inicia o texto apontando o que vamos chamar aqui, preliminarmente, de indefinições. Se é em termos de masculino e feminino que distinguimos outro ser humano, ele alerta que a anatomia dá apenas um lastro parcial para essa noção (Freud, 1933/2019a). A anatomia não é capaz de capturar a essência da masculinidade e da feminilidade. No campo da psicologia algo semelhante ocorre, pois considerar o comportamento de um ser humano,

macho ou fêmea, como masculino ou feminino trata-se de uma concessão à anatomia e à cultura. Nos parece que Freud está, por um lado, diferenciando aspectos anatômicos dos psíquicos, mas também apontando os limites e imbricações desses campos na tarefa de definir masculinidade e feminilidade. Dessa forma, pode-se dizer que Freud deixou brechas em sua teoria que abriram para caminhos diversos de leituras.

Se a feminilidade permanece como enigma, como propõe Freud, muitos tentaram decifrar. Deste modo, buscaremos aqui levantar um breve panorama acerca do uso de alguns termos que circundam a temática da feminilidade. Assim, “consumidos pela curiosidade sexual”¹ como aqueles que se iniciam na descoberta de algo, também vamos nos refugiar nas encyclopédias. Se há uma distinção nítida e definitiva entre mulher, feminilidade, feminino e sexualidade feminina é de se esperar que as encontremos nessas obras. Tomamos aqui três obras que têm entre seus objetivos apresentar alguns conceitos e definições sobre termos utilizados no campo da psicanálise. Esta breve seleção pode nos auxiliar a traçar um panorama acerca dos termos e temas que trabalhamos aqui e podem também nos oferecer um terreno para colocarmos algumas questões.

No *Vocabulário da Psicanálise*, de Jean Laplanche e Jean-Bertrand Pontalis, não encontramos os termos “feminilidade”, “sexualidade feminina” ou “feminino” enquanto verbetes, consta apenas o par “masculinidade - feminilidade”. Além da escolha do termo em si, “feminilidade” em vez de feminilidade, a definição inicial dos autores já nos dá indicativos da dificuldade em apontar uma resposta inequívoca: “oposição que a psicanálise retomou e mostrou ser muito mais complexa do que geralmente se crê: a forma como o sujeito humano se situa relativamente ao seu sexo biológico é o termo aleatório de um processo conflitual” (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 273). Para os autores, na obra freudiana encontramos noções biológicas, sociológicas e psicossexuais para os termos masculino e feminino. No campo

¹ Referência ao comentário de Freud (1905/2016b, p. 292) na análise do segundo sonho de Dora.

biológico estão os caracteres sexuais, no campo sociológico, os atributos culturais dados a homens e mulheres e, por fim, os sentidos psicossexuais relativos à masculinidade e feminidade estariam implicados nos campos anteriores. Assim, todo ser humano carregaria traços de cada componente desse par forjado nesses três campos. A ênfase da definição dos autores, todavia, está exatamente no caráter processual do modo de se posicionar em relação ao sexo e, nesse sentido, finalizando o texto do verbete, afirmam que

Freud só fala de feminilidade, por exemplo, quando a menina conseguiu, pelo menos parcialmente, realizar a sua dupla tarefa: mudança de zona erógena diretriz (do clitóris para a vagina) e mudança de objeto de amor (da mãe para o pai). (Laplanche & Pontalis, 1991, p. 274)

No *Dicionário encyclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*, de Pierre Kaufmann, encontramos um longo texto acerca do verbete “feminilidade”. O que se destaca neste dicionário é o anúncio da ausência de uma definição. Para Kaufmann, qualquer definição para feminilidade é apenas aproximativa e inadequada. Ele intitula de “a feminilidade inencontrável”, pois entende que não há representação psíquica do feminino no inconsciente (Kaufmann, 1996, p. 200). Apesar disso, o autor aponta que, de forma aproximativa, há duas equivalências inconscientes acerca da feminilidade: passividade e a equação que iguala mulher a ser castrado. Retomando a concepção freudiana de que a psicanálise não é capaz de dizer o que é a mulher, Kaufmann afirma que a psicanálise pôde apenas “reconstruir as etapas da evolução psíquica que conduz a criança do sexo anatômico feminino à posição subjetiva que a torna apta a satisfazer suas funções biológicas” (Kaufmann, 1996, p. 201). Assim como Laplanche e Pontalis, Kaufmann aponta que se trata de um processo e destaca que as etapas de evolução psíquica que levam à feminilidade são compostas por desvios e paradoxos.

No *Dicionário de psicanálise* de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon, nem “feminilidade”, nem “feminino” (ou “masculinidade” ou “masculino”) constam na lista de verbetes. Os autores, porém, trabalham o termo “sexualidade feminina”. Roudinesco e Plon (1998) adotam uma perspectiva histórica, mapeando a construção do pensamento psicanalítico. Assim, quanto à sexualidade feminina, os autores destacam os conflitos em torno da construção freudiana sobre o tema no campo psicanalítico, em especial a partir do momento em que mulheres psicanalistas entraram em cena. Desses conflitos, os autores apontam revisões, por parte de Freud, em suas concepções sobre a sexualidade feminina, que foram expressas nos textos de 1931 e 1933. Do ponto de vista da busca por uma definição, o que destacamos do verbete “sexualidade feminina” é a ideia freudiana do monismo sexual que tem como consequência “que, no inconsciente e nas representações inconscientes do sujeito (seja homem ou mulher), a diferença sexual não existe” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 706).

Ainda no dicionário de autoria de Roudinesco e Plon encontramos no verbete “diferença sexual” a afirmação de que

a elucidação da questão da diferença sexual decorre da concepção freudiana da libido única (ou monismo sexual), que permite, a um só tempo, definir a sexualidade masculina e a sexualidade feminina. De acordo com Sigmund Freud, a existência de uma diferença anatômica leva cada representante de ambos os sexos a uma organização psíquica diferente, através do complexo de Édipo e da castração. (Roudinesco & Plon, 1998, p. 154)

Nessas passagens destaca-se a ideia de que, ainda que Freud tenha partido da diferença anatômica, ele realiza um descolamento entre anatomia e psiquismo.

Alguns pontos se destacam neste recurso às encyclopédias e dicionários. O primeiro diz respeito à presença ou ausência dos termos, ou seja, à escolha da terminologia. Quando se

inclui o verbete “feminilidade”, e aqui incluiremos o par “masculinidade-feminilidade”, os termos “sexualidade feminina” ou “feminino” não aparecem. De maneira similar, quando a opção foi tratar do termo “sexualidade feminina”, “feminilidade” não consta da lista de verbetes. Isso nos dá um indicativo de que é possível que esses termos e sua utilização não se deem de maneira inequívoca e isolada no campo psicanalítico. Por outro lado, há aspectos que se repetem nas definições de cada um destes verbetes: a ausência de representação psíquica da diferença entre os sexos e o caráter processual para ambos os sexos de assumir uma posição subjetiva diante da anatomia, que seria especialmente conflitivo na assunção da feminilidade.

Esses aspectos em comum parecem ter sido traduzidos em uma passagem de Maria Rita Kehl (1996):

O inconsciente, se é todo sexual, não é sexuado; se para Freud “anatomia é destino”, isso significa que a partir da “mínima diferença” inscrita em nossos corpos temos de constituir homens e mulheres à custa de tudo o que, do ponto de vista do inconsciente, é indiferenciado. (p. 13)

A autora aponta que se trata de um percurso o “tornar-se” homem ou mulher. Produzimos essas identidades “como artifício protetor de nossa solidão subjetiva diante do enigma do desejo” (Kehl, 1996, p. 12). Temos aqui, portanto, homem e mulher como identidades. A autora faz ainda dois acréscimos: coloca as feminilidades e masculinidades – assim, no plural – como porções que compõem a sexualidade de homens e mulheres e acrescenta também a noção de gênero, ressaltando que é a cultura que designa destinos diferentes para cada um desses grupos. Em um outro momento, todavia, a autora traz brevemente uma noção de feminilidade e a define como uma função, uma “máscara sobre o vazio” (Kehl, 1996, p. 26). Essa definição fica mais clara na obra *Deslocamentos do Feminino* que comentaremos adiante.

É a partir das mínimas diferenças que Demes, Chatelard e Celes (2011, p. 250) identificam alguns pontos históricos e teóricos que podem explicar o borramento na distinção entre as noções sobre “sexo feminino, sexualidade feminina, feminilidade, mulher, histeria”. Em primeiro lugar, falam de uma interligação que partiria de um paralelismo original entre esses conceitos. É na história do nascimento da psicanálise que essa interligação surge. São os sintomas histéricos ancorados e escancarados nos corpos das mulheres que fazem com que o sexo feminino se consolide como primeira referência. A conexão histeria-feminino-mulher seria, então, a origem conceitual comum.

Adiante, Demes et al. (2011) parecem indicar um deslizamento nas noções quando apontam que o campo psicanalítico constituiu a histeria como um descaminho, um desvio do que seria a feminilidade. O acesso à feminilidade, por sua vez, é o que coincidiria com o ser mulher, após operadas as trocas de zona erógena e objeto. Todavia, ressaltam os autores, essa noção de feminilidade também sofreria mudanças. Mais adiante na obra de Freud, a feminilidade assumiria uma concepção radicalmente diferente e não restrita à subjetividade feminina, mas sim originária para todos, sejam homens ou mulheres.

O que se observa nesses esforços de leitura e de acompanhamento da obra freudiana é que os conceitos não aparecem claramente delimitados e definitivamente estabelecidos. Isto porque, é preciso lembrar, que a própria construção freudiana – e vale dizer, não só acerca da feminilidade – foi permeada por revisões, acréscimos e mudanças. Podemos dizer o mesmo no que se refere ao trabalho dos autores que sucederam Freud. Ainda que não faça parte do escopo deste trabalho, nos parece interessante trazer também algumas contribuições que dialogam com a teoria lacaniana para complementar um quadro geral sobre o uso dos termos.

Retomamos aqui algumas elaborações de Maria Rita Kehl. Articulando as noções de Freud às noções de Real, Simbólico e Imaginário propostas por Lacan, Kehl (2016), na obra intitulada *Deslocamentos do feminino*, busca diferenciar de maneira mais clara os conceitos

de mulher, posição feminina e feminilidade. Ela expõe que apesar da colocação freudiana de que nos tornamos homens ou mulheres, suas investigações ainda recaem em uma busca sobre a natureza da sexualidade masculina e feminina que revelariam, por sua vez, a essência da masculinidade e feminilidade. É a partir desse impasse que a autora lança mão das contribuições lacanianas.

É enquanto pertencentes à ordem simbólica que Kehl (2016) identifica o que chama de posição masculina / masculino e posição feminina / feminino. Na teoria freudiana, essas posições se articulam, respectivamente, ao par ativo/passivo e à posição de sujeito ou objeto em relação ao desejo de um outro. A autora aponta que é por sermos seres de linguagem que somos precedidos por algumas definições no campo Simbólico. Assim, quanto ao sexo, somos inscritos em um certo subgrupo de humanos – homens ou mulheres – a partir da “mínima diferença”, ou seja, do limite do Real de nossos corpos antes mesmo de nascer. É, portanto, no campo do Simbólico que ela articula a noção de gênero, qualificando como sendo os valores e atributos designados pela cultura a cada sexo biológico. Já masculinidade e feminilidade seriam identificações imaginárias e dizem respeito às “estratégias particulares com que cada um se organiza em relação ao trinômio falo/falta/desejo” (Kehl, 2016, p. 12). No caso da feminilidade, especificamente, a organização se daria em torno do imaginário da falta. Neste campo, ela acrescenta, ainda, que a histeria seria um artifício da feminilidade em que a mulher se oferece para ser tomada como falo – que ela não é e não tem em absoluto – despertando o desejo de um homem.

Uma outra autora que trata da feminilidade nesse cotejamento entre Freud e Lacan, Ana Laura Prates (2019), na obra *Feminilidade e experiência psicanalítica*, assevera que, diferente de Freud, que partiu da anatomia e que tratava da diferença sexual, em Lacan é no campo do discurso que se deve pensar a sexuação. Por sua vez, a sexuação comportaria as formas de inscrição, ou seja, os modos de escolha sexual por meio da função fálica, “o que

implica dois modos de gozo: estar todo no falo (lado homem) ou estar não-todo no falo (lado mulher)”, lados assim nomeados da tábua da sexuação proposta por Lacan (Prates, 2019, p. 180). Os dois modos de gozo referem-se, respectivamente, ao gozo fálico, simbolizável, e ao gozo Outro, do registro do Real e que, portanto, permanece fora da linguagem. Assim, o que Prates (2019) chama de “posição feminina” estaria articulada à norma e gozo fálicos, tal como a histeria. Sob o termo “feminilidade” estariam concentradas as duas formas de gozo, o fálico e o gozo Outro. Nesse sentido, “feminilidade” e “inscrição feminina” seriam sinônimos e se distanciaram da noção de “posição feminina”.

Vale trazer, por fim, uma última contribuição na formatação desse quadro geral do uso dos termos relativos à mulher e à feminilidade. Também a partir da interlocução entre a obra de Freud e de Lacan, Denise Maurano tem sustentado o uso do termo “feminino”. Diferente da maneira que aparecem usualmente, enquanto adjetivos (porção feminina, posição feminina, inscrição feminina, gozo feminino), a autora o eleva a substantivo: o feminino. Este seria um outro campo. É isso que propõe Maurano (2023) que, de antemão, adverte que esse campo é avesso à conceituação, muito embora sua empreitada seja exatamente de constituí-lo enquanto conceito.

Passando por Freud, mas assentando suas considerações na teoria lacaniana, a autora aponta que diferente da feminilidade e da sexualidade feminina, o feminino estaria além ou aquém da diferença sexual, seria um campo de indiferenciação. Maurano (2023) trata o feminino como primitivo, originário. Assim, o feminino de que trata não está em uma oposição com o masculino. Em uma outra obra, escrita com Joana Souza, é colocado que feminilidade e feminino são conceitos ou termos que se confundem na literatura psicanalítica acerca da mulher. Maurano e Souza (2023) apontam que a feminilidade “é o modo como um sujeito, a partir das insígnias fálicas, compõe sua identificação com a posição sexual

feminina”, já o feminino diria respeito “à toda relação do sujeito com o que excede sua identificação sexual, seja ela qual for” (p. 24-25).

Certamente, há outras obras e outras leituras sobre os termos aqui apresentados: mulher, histeria, feminilidade, sexualidade feminina, feminino. Percorrer a trama dos conceitos foi uma tentativa de nomeação. Como intitular esse trabalho? Qual termo utilizar? Qual é a palavra que é capaz de traduzir com exatidão o que queremos transmitir? A essa questão a psicanálise já oferece uma resposta. Não há correspondência inequívoca entre uma palavra e um significado. Operar na e com a linguagem é operar com o mal-entendido. Escolher uma palavra é, portanto, sempre uma aposta de que se possa transmitir algo. Aqui vamos apostar no termo “feminilidade”.

Como veremos nos próximos itens, na teorização freudiana, a feminilidade é concebida como uma das possíveis saídas da menina diante da castração materna. Para Freud, trata-se do percurso que a conduz à chamada sexualidade normal. Ao reconhecer a mãe como castrada, a menina pode renunciar a ela como objeto amoroso, voltando-se para o pai e passando a desejar um filho dele. Esse entrelaçamento entre feminilidade e maternidade foi e tem sido alvo de muitas críticas. Porém, se avançarmos um pouco mais na obra freudiana, nos deparamos com uma outra construção sobre esse termo. No texto *A análise finita e a infinita*, de 1937, que trata, em última instância, do desenlace de um processo analítico, Freud apresenta a feminilidade como um limite (à própria psicanálise?). O que nos suscita a pergunta sobre o que é possível fazer a partir desse limite. Assim, acreditamos que a feminilidade, nos escritos freudianos, relaciona-se a pelo menos dois destinos: um, que compreendemos como nó – qual seja, aquele que ata mulher-mãe, e um outro, que compreendemos como fio solto, a partir do qual acreditamos que é possível tecer outros caminhos. É o que trabalharemos ao longo do texto.

1.2 Ruminações

Na abertura do texto de 1933, *A feminilidade*, Freud afirma que “sobre o enigma da feminilidade, ruminaram os seres humanos de todos os tempos” e, dirigindo-se ao seu público, alerta que eles também não estão excluídos dessa tarefa (Freud, 1933/2019a, p. 314). Embora ele considere as mulheres o próprio enigma, o que as eximiria dessa reflexão, as produções femininas que se seguiram ao criador da psicanálise demonstram que nós, mulheres, também nos debruçamos sobre essa questão. E ao contrário do tom fatídico com que Freud se dirige aos homens, o fazemos porque assim queremos. “O que quer uma mulher?”, pergunta que Freud não pôde responder. Aqui, ainda queremos escrever mais sobre a feminilidade.² Ou seria inscrever? Nesse laço entre escrita e inscrição apostamos na ambiguidade do tecer.

Para Costa (2015), um ponto de encontro entre a psicanálise e a escrita seria a busca por um originário. Já sabemos, fomos alertadas por Freud, de que essa é uma busca fadada ao fracasso. Desde 1900, com *A interpretação dos sonhos*, ele nos aponta a impossibilidade de chegar ao umbigo do sonho. A busca, todavia, nos faz caminhar, falar, escrever, tecer. E há de se começar de algum ponto. Se as considerações freudianas acerca da mulher e da feminilidade ainda se constituem como um grande núcleo de resistência e de crítica à psicanálise, tomamos isso como indicativo de que – e aqui nos servimos de uma expressão conhecida – esse *retorno a Freud* pode nos indicar algo da origem desse enigma.

Beividas (2009) faz uma crítica àqueles que chama de discípulos de Freud e Lacan dizendo que a pesquisa em psicanálise ficou submissa ao argumento de autoridade, entronizando os autores, ou seja, ficou subordinada a um circuito transferencial. Para ele, uma das consequências dessa submissão ao enunciado dos mestres seria que nenhuma nova

² E somos muitas. Beatriz Rocha (2022, p. 45) realizou uma revisão da literatura brasileira indexada acerca do feminino e da mulher na psicanálise e apontou que “dos 55 artigos analisados, 33 foram produzidos somente por mulheres e 46 têm mulheres como primeira autora e principal pesquisadora”. Esses dados correspondem somente às publicações em português realizadas entre 2018 e 2022.

descoberta ou conceito tem boas chances de entrar na discursividade, a não ser que já estivesse implícito, nas entrelinhas da discursividade. Como antecipamos, o que propomos aqui enquanto método, é exatamente uma leitura nas entrelinhas. Todavia, o objetivo aqui é bastante comedido, não buscamos qualquer descoberta. Nossa intenção é sublinhar os pontos de retomada da teoria freudiana acerca da feminilidade por acreditarmos que aquilo com o que Freud se deparou enquanto impasse pode ser lido como indicativo de que a feminilidade exige algo de uma invenção.

As elaborações de Freud acerca da feminilidade perpassam toda sua obra e se fundem com a própria constituição da psicanálise. Já nos textos pré-psicanalíticos nos quais, dentre outros germens fundamentais, podemos encontrar considerações importantes acerca da histeria e acerca da angústia. Na obra de 1900, *A interpretação dos sonhos*, considerado o texto inaugural da psicanálise, Freud trata sobre o papel desempenhado pelos pais na vida mental das crianças e lá recorre à lenda do *Rei Édipo*, da tragédia de Sófocles. A lenda não só confirma sua descoberta, que vinha da escuta dos psiconeuróticos, mas aponta para sua validade universal. Dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe e nosso primeiro ódio ao nosso pai é o que está no cerne da descoberta freudiana – e no enredo da tragédia grega – do que, posteriormente, vai nomear o complexo de Édipo. Das últimas obras, podemos mencionar aqui o texto de 1937, *A análise finita e a infinita*, publicado dois anos antes de sua morte, em que o tema da feminilidade ganha um contorno outro na teoria. Pode-se dizer que se trata de uma vida e de uma obra inteiras.

Assim, diante da extensão da obra freudiana e, conforme nos alerta a própria psicanálise, diante da impossibilidade de dizer tudo, destacamos que não temos a intenção de inventariar exaustivamente a obra de Freud. Há, certamente, caminhos diversos de leitura e aqui seguiremos um dos fios possíveis. Antes de apresentá-lo, todavia, vamos trazer de maneira breve alguns pontos sobre a histeria.

1.2.1 A Histeria como Ponto Inicial

O encontro de Freud com as histéricas inaugura seu encontro com a feminilidade e se funde com a própria criação da psicanálise. Ainda que a histeria não seja exclusiva de mulheres, a criação e o criador da psicanálise devem muito a *elas*: Anna O., que foi paciente de Breuer, Emmy Von N., Miss Lucy R., Katharina, Sra. Elizabeth Von R., Dora. Foi a partir da escuta das histéricas que Freud pôde reconhecer a existência de um psiquismo com suas determinações inconscientes. A essência de sua compreensão sobre o sofrimento psíquico presente na histeria é que um desejo, ao não poder ser manifestado, acaba por exprimir-se no corpo. As histéricas que Freud escutou na passagem para o século XX sintomatizavam e denunciavam nos seus corpos a interdição de desejos que não cabiam naquele tempo, desejos que, de certa forma, estavam também em conflito com uma dada concepção de feminilidade. A histérica seria o exemplo da mulher enquanto sintoma da cultura (Assoun, 1993).

Retomando o aspecto histórico do surgimento da psicanálise a partir da histeria, se como propõe Dayse Costa e Charles Lang (2016), coube à Charcot a “invenção” da histeria, no sentido de seu esforço para estabelecer uma nosologia e nosografia para aquelas manifestações sintomáticas sem base orgânica que testemunhava em Salpêtrière, coube à Freud escutar aquelas *mujeres*, uma a uma, e alçar a histeria a um modo específico de subjetivação. Nos *Estudos sobre a histeria* (1893 - 1895), em que constam os estudos clínicos sobre algumas dessas mulheres, encontramos algumas das premissas fundamentais da psicanálise que, posteriormente, foram se desdobrando ao longo da obra freudiana. O próprio Freud faz esse destaque, em 1908, ao prefaciar a segunda edição de sua obra.

Acontecimentos da infância como motivo precipitador de um fenômeno patológico, a ideia de trauma psíquico, o papel fundamental da sexualidade na etiologia do sofrimento psíquico, as relações entre desejo, recalque e sua conversão em sintomas somáticos, do abandono da hipnose e método catártico à associação livre, a importância do manejo da

transferência são algumas noções desenvolvidas por Freud a partir do seu encontro com as histéricas (Freud, 1893-1895/2016a). Daí depreende-se que partir dos casos clínicos de Freud é um dos caminhos possíveis para investigar não só a feminilidade, mas também outros conceitos fundamentais para a psicanálise. Se Dora buscou nas enciclopédias um saber sobre o corpo feminino ou dirigiu à Sr.^a K. a pergunta fundamental sobre o que é ser uma mulher, muitos se dirigiram ao caso de Dora e aos outros casos clínicos apresentados por Freud com suas questões sobre a feminilidade e a clínica psicanalítica (Freud, 1905/2016b).

Ainda que esse percurso pelos casos clínicos não seja o caminho tomado neste trabalho, gostaríamos de destacar brevemente um encontro anterior àqueles relatados nos *Estudos sobre a histeria* (1893 - 1895) e anterior à Dora. Trata-se do fragmento clínico acerca do caso Emma, apresentado então sob o título “A *proton pseudos* histérica” que está relatado no *Projeto para uma Psicologia*, de 1895, obra que compõe os chamados textos pré-psicanalíticos de Freud. Não vamos tratar detalhadamente do caso em si, mas dele queremos extrair uma ideia que, em nossa visão, se articula ao tema da feminilidade incidindo não só sobre sua construção, mas também sobre a história da psicanálise.

O caso Emma é comumente tomado como paradigmático para pensar a noção de trauma e temporalidade na teoria psicanalítica, a partir do conceito de *a posteriori*, o *Nachträglichkeit* freudiano. No fragmento relatado por Freud, Emma queixa-se de não conseguir entrar em lojas *sozinha* e faz a associação entre essa compulsão e uma cena que teria vivido anteriormente. Emma relata que por volta de seus 12 anos de idade entrou em uma loja e viu dois balonistas rindo juntos, que lhe fez ter a ideia de que riam de sua roupa e “que um deles havia lhe interessado sexualmente” (Freud, 1985/2025, p. 275). De início, Freud aponta que não foi possível observar a relação entre os efeitos dessa vivência e os fragmentos relatados por Emma até que uma segunda memória surge. Trata-se de uma cena que vivera aos 8 anos de idade em que ela foi, também sozinha, a uma loja comprar

guloseimas e um senhor apertou sua genitália por sobre a roupa de Emma e, ainda assim, ela retornou uma segunda vez ao local. Para Freud, a segunda situação (o riso dos vendedores) despertou um afeto que não pôde se manifestar na primeira (a sedução do merceiro). Assim, ele aponta que “esse é o caso típico da repressão na histeria. Em todos eles, descobrimos que foi reprimida uma memória que apenas *posteriormente* transformou-se em trauma” (Freud, 1895/2025, p. 278). O que está posto aqui embrionariamente é a ideia de que os sentidos dos acontecimentos só se dão a ver *a posteriori*. Para nós, algo dessa temporalidade proposta pela psicanálise, de uma certa remodelação a partir de um segundo momento, incide na feminilidade, incluindo sua construção teórica na obra de Freud.

Como dissemos, o tema da feminilidade perpassou toda a obra freudiana. Vemos na feminilidade um ponto de origem, especialmente localizado na histeria, mas também um ponto de constante retorno. E Emma nos parece ilustrar esse movimento. A partir do trabalho dos biógrafos, em especial Max Schur que foi médico de Freud, sabemos que Emma e Irma, do sonho da injeção, são a mesma pessoa (Roudinesco & Plon, 1998). Em *A interpretação dos sonhos*, Freud, analisa longamente o referido sonho que produzira na noite em que redigiu o histórico clínico de sua paciente. E aqui podemos suspeitar de que algo de Emma ficou por ser elaborado, especialmente se tomarmos, como propõe Freud, esta obra como parte de sua autoanálise.

A “Injeção de Irma” é considerado o sonho modelo, a partir do qual Freud postulou a ideia de que os sonhos são a realização de um desejo (Freud, 1900/2017b). O material do sonho é amplamente conhecido, assim não nos deteremos longamente aqui. O sonho relatado por Freud se passa em um salão com muitos convidados onde Freud se encontra com Irma, a quem recrimina por não ter aceitado a solução proposta anteriormente por ele, o que a responsabilizaria pelas dores que ainda sente (Freud, 1900/2017b, p. 128). Então, Irma diz que as dores que sente agora estão localizadas em sua garganta, estômago e abdômen.

Suspeitando de que deixara passar algum aspecto orgânico do seu sintoma, Freud examina a garganta de Irma e se depara com crostas esbranquiçadas que indicam uma infecção. A origem desta seria uma injeção contaminada aplicada por um de seus amigos.

Freud analisa seu sonho fornecendo interpretações sobre quem são seus amigos que figuram ali e sobre o desejo que se realizara naquela produção onírica, de isentar-se da culpa pela doença de Irma. Mas, ele também indica que pode não ter descoberto o sentido completo de seu sonho e deixado lacunas na análise que nos forneceu. Aqui apostamos que, em função de novas condições, algumas ideias iniciais de Freud, o que ele escrevera, possa ter sofrido uma reorganização e uma reescrita. Percorrendo o tema da feminilidade em Freud, acreditamos que é somente no *a posteriori* que alguns aspectos podem ser reinterpretados.

Nesse sentido, Serge André (1993) aponta que o sonho de Freud (com Irma, mas podemos também questionar se não seria com a própria psicanálise) se constrói em torno da questão sobre o que é uma mulher, sobre qual saber é possível extrair quando Irma “abre a boca” (p. 51). No sonho da Injeção de Irma, Freud teria se deparado com os temas que vão conduzir, de diferentes formas e em diferentes momentos, sua apreensão sobre as mulheres: “o da realidade do órgão genital feminino e do horror que este suscita; o das três mulheres, cujo auge é a mulher como figura da morte (e reciprocamente); e o do umbigo, do não-reconhecível, da feminilidade enquanto furo” (André, 2003, p. 51-52). Em alguma medida, o fio que seguiremos neste trabalho perpassa esses temas, acompanhando este movimento de reorganização e reescrita sobre o tema da feminilidade na teoria freudiana.

Para finalizar, reiteramos aqui a ideia de que a feminilidade constitui o ponto de partida e de constante retorno para a psicanálise. Roudinesco e Plon (1998) indicam que no texto *A análise finita e a infinita*, quando Freud evoca o caso de uma jovem histérica que após ter sido curada sofreu uma recaída, é possível que ele esteja se referindo a Emma. Não é curioso que, em um de seus últimos textos, em que Freud trata de questões sobre o tempo

partindo da indagação sobre a duração do processo analítico e que também, ao final, traz uma nova leitura sobre a feminilidade, justamente um de seus primeiros casos possa ter reaparecido? Seguir o fio de Freud nos indica que o dito “enigma” da feminilidade insiste e resiste ao tempo.

1.2.2 Seguindo o Fio de Freud

Alguns trabalhos traçam divisões da produção sobre a sexualidade feminina a partir do que consideram os pressupostos e achados freudianos em cada momento. Angela de Almeida (2012) identifica dois, um primeiro que compreenderia o período de 1905 a 1920 em que prevalece a ideia de monismo sexual, ou seja, a sexualidade feminina é pensada a partir de um modelo masculino. O segundo momento, que ela intitula de “devir feminino”, começaria a se delinear a partir de 1924 e corresponde a uma singularização da sexualidade das mulheres na teoria (Almeida, 2012, p.31). Encontramos uma divisão, que guarda algumas semelhanças a esta, no trabalho de Zeferino Rocha (2002). Para ele seriam três os momentos decisivos na teorização freudiana sobre a feminilidade. Rocha (2002, p. 129-130) denomina o primeiro de “biológico anatômico” e o identifica às proposições dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), o segundo momento, que ele chama de “simbólico” em razão da introdução da ideia de primado do falo, se iniciaria a partir de 1923 e o último, ele chama de “ontológico e existencial” em que a feminilidade é relacionada à castração e à finitude humana. Neste último momento, Zeferino parte do texto *A análise finita e a infinita* (1937).

Diante da extensão de seu pensamento, nossa tentativa aqui é trazer um breve panorama de algumas das principais construções de Freud sobre o tema, destacando as singularidades que se apresentaram para o desenvolvimento das meninas. Aqui serão abordados inicialmente seis textos freudianos: *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), *Organização genital infantil* (1923), *O declínio do complexo de Édipo* (1924),

Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925), *Sobre a sexualidade feminina* (1931) e *A feminilidade* (1933), também conhecida como *Conferência XXXIII*.

Estes são os textos comumente trabalhados quando se trata do tema da feminilidade na obra freudiana. A distância temporal entre o primeiro texto a ser trabalhado aqui e os demais, publicados a partir da década de 20, não deve levar a supor que não houve construções teóricas que incidiram em maior ou menor medida no tema da feminilidade. Todavia, foi nos textos publicados nas décadas de 20 e 30, que Freud começou a se debruçar mais diretamente sobre o tema e atribuir especificidades no desenvolvimento da sexualidade feminina.

Vale dizer que há no estilo de escrita freudiana um caráter quase didático. Então, não é incomum que seus textos se iniciem com um movimento de retomada dos trabalhos e pensamentos anteriores. Se por um lado essa forma de escrita nos ajuda a acompanhar seu pensamento, por outro, torna desafiante não reproduzirmos também algumas repetições. Assim, buscaremos destacar em cada texto as mudanças teóricas mais evidentes, mas alertamos que sua teoria sobre a feminilidade deve ser compreendida a partir de um extenso quadro de formulações bastante enlaçadas.

Em 1905, na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, algumas ideias inicialmente elaboradas nos seus estudos sobre a histeria são retomadas e estabelecidas. É nesta obra que Freud elabora, de forma pormenorizada, a grande premissa da teoria psicanalítica: a sexualidade infantil. A diferenciação entre sexual e genital, entre a sexualidade do adulto e a infantil, erogeneidade do corpo, o autoerotismo infantil inaugurado pelas funções orgânicas, as fases pré-genitais do desenvolvimento são alguns dos aspectos apontados por Freud nesse texto (Freud, 1905/2016c). Um outro destaque importante sobre esta obra está na apresentação da descolagem da sexualidade humana das funções biológicas,

seja quando Freud constata que nas perversões “se observa a independência do objeto de satisfação em relação aos supostos parâmetros da natureza”, seja pelo caráter bifásico do desenvolvimento sexual humano cuja sexualidade passa por um período de latência no fim da primeira infância e até mesmo pela proposição do termo pulsão e seu distanciamento da ideia de instinto (Poli, 2007, p. 8).

Das formulações presentes neste texto, algumas são especialmente importantes para as elaborações posteriores acerca da feminilidade. A primeira diz respeito à bissexualidade constitutiva como chave para compreensão do desenvolvimento sexual de homens e mulheres. Também é neste texto que Freud (1905/2016c) afirma que “a libido é, por necessidade e por regra, de natureza masculina, apareça ela no homem ou na mulher” e independe de seu objeto (p. 138-139). É a partir da articulação dessas noções que Freud aponta que a sexualidade das garotas pequenas tem caráter completamente masculino. O clitóris, por ser considerado análogo à glande peniana, pode ser tomado como que por uma função (ou elemento ou membro) masculina na vida sexual das mulheres. Além disso, Freud anunciou que existem diferenças entre o desenvolvimento sexual de homens e mulheres, sendo uma delas a troca de zona erógena. Ou seja, às mulheres caberia transferir a excitação sexual do clitóris (masturação clitoridiana) para a vagina de modo a adequar-se à sua atividade sexual futura, enquanto para o homem nenhuma modificação se faria necessária (Freud, 1905/2016c).

Vale registrar que essa obra foi revisitada por Freud sempre que novas elaborações surgiam. Destacamos aqui uma delas, uma nota acrescentada em 1915, em que Freud (1905/2016c, p. 139) aponta a importância de se compreender os conceitos de “masculino” e “feminino” e destaca que eles carregam três sentidos. São sinônimos de atividade e passividade, sentido que interessa à psicanálise e, nestes termos, Freud designa a libido como masculina, ideia que sofrerá alterações posteriormente. Masculino e feminino seriam ainda

atributos biológicos, cuja presença de espermatozoide define o homem e, os óvulos, a mulher. E, por fim, seriam também conceitos sociológicos, que nascem a partir da observação dos indivíduos em sua existência na cultura. Freud acrescenta, ainda, que cada pessoa apresenta uma mescla de características biológicas do outro sexo e também uma combinação de atividade e passividade; assim, nem no campo da biologia, nem no campo da psicologia é possível designar uma masculinidade ou uma feminilidade puras (Freud, 1905/2016c).

Grande parte das revisões e acréscimos de Freud ao texto de 1905 foram realizadas a partir da década de 20 e estão estabelecidas no texto *Organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*, de 1923. Dentre esses acréscimos, está a proposição de Freud (1905/2016c, p.110) de uma terceira fase do desenvolvimento sexual infantil, a fase fálica. Este estágio de organização é de caráter genital, portanto, diferente das anteriores chamadas de pré-genitais, mas também é diferente da maturidade sexual por só reconhecer a existência de um único genital, o masculino.

No referido texto de 1923, Freud retoma a proposição feita em 1905 quando apontara que a subordinação das pulsões ao primado genital aconteceria ou se finalizaria apenas na puberdade. Todavia, ele nos diz que a atividade e o interesse sexual nos genitais já estavam presentes na infância (Freud, 1923/2019d). Passa-se a reconhecer, portanto, a existência de uma organização genital infantil e tal observação tem desdobramentos importantes. Segundo ele, neste momento do desenvolvimento da sexualidade infantil, tanto meninas quanto meninos reconheceriam apenas um órgão genital, o masculino. Assim, existiria apenas um sexo, o “masculino, mas nenhum feminino” (Freud, 1923/2019d, p. 242).

Há aqui, todavia, um acréscimo teórico fundamental: Freud nega uma primazia genital e, em seu texto, busca desarticular o pênis da noção de falo. Vale notar que Freud, neste texto, não trata do conhecimento ou reconhecimento da diferença anatômica entre os sexos. Freud (1923/2019d), ao diferenciar a organização genital infantil daquela do adulto,

aponta que o órgão genital masculino é o único ao qual as crianças são capazes de atribuir um papel e, sob essa perspectiva, pode-se dizer que o falo representa algo. É a partir daí que Freud afirma que para ambos os sexos, apenas um genital, o masculino, que possui um papel. Portanto, “não há um primado genital, mas um primado do falo [*Phallus*]” (Freud, 1923/2019d, p. 239). Essa elaboração, por sua vez, vai dar contornos, mais adiante, ao complexo de castração. A antítese que se apresenta é que o primado do falo na fase da organização genital infantil não é masculino *versus* feminino, mas sim genital masculino *versus* castrado. Veremos que, no desenrolar do complexo de castração, o falo, enquanto marcador fundamental da diferença, vai engendrar duas posições: aqueles que têm, temem perdê-lo, e as que não têm, desejam tê-lo.

Acompanhando a esteira do desenvolvimento teórico de Freud, é possível dizer, portanto, que esse texto de 1923 contém acréscimos fundamentais à teoria psicanalítica: parte-se da ideia da universalidade do pênis e surge o falo enquanto operador teórico central que não se refere ao genital masculino. Essa nova compreensão vai trazer implicações significativas com relação às consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos e nos interessa destacar um ponto aqui. Romildo Barros (2012, p. 9) sublinha que “Freud fez uma revolução enorme quando a desloca da anatomia, pela transformação do pênis em falo, e passa da atribuição anatômica à fálica, que permite a equação falo = filho, na qual o filho é o falo da mãe”. É a constituição do falo, enquanto operador teórico, que vai permitir essa equação simbólica que, em última instância, vai culminar na compreensão freudiana acerca da feminilidade “normal” atrelada à maternidade. Apesar desses apontamentos iniciais, vale o registro de que, até então, a relação da menina com o falo e com a castração ainda não estava clara para Freud.

Em 1924, no texto *O declínio do complexo de Édipo*, Freud enfatiza a centralidade desse complexo no curso do desenvolvimento sexual e passa a se questionar como ele se

dissolve. Freud apresenta as correlações existentes entre os complexos de Édipo e de castração, a fase fálica e a formação do supereu. De início, ele aponta que o complexo de Édipo se desenvolve de maneira simultânea à fase fálica. Diz, ainda, que a criança passa por algumas experiências anteriores de perda que guardariam alguma similaridade com a ameaça de castração (desmame e a defecação). Neste ponto, também é importante retomar a noção de falo enquanto “representante psíquico da falta”, pois é a partir da associação dessas perdas ao falo que se pode falar em complexo de castração (Prates, 2019, p.64). Porém, o que diferencia essas experiências do que Freud chamará de angústia de castração é o avistamento do genital feminino. O complexo de Édipo, portanto, sucumbiria à ameaça de castração, dando fim à fase fálica e iniciando o período de latência. O supereu é tributário desse desenrolar.

Essas construções teóricas se aplicam ao desenvolvimento do menino. Quanto ao desenvolvimento das meninas, Freud aponta que há singularidades, especialmente quanto à organização fálica e ao complexo de castração. Ao parafrasear Napoleão, indicando que “a anatomia é o destino”, Freud enfatiza que a diferença anatômica ressoa no curso do desenvolvimento psíquico (Freud, 1924/2019c, p. 252). Ele destaca, ainda, que a diferença entre o desenvolvimento da menina e do menino reside no fato de que, para elas, a castração “é fato consumado” ao passo que para eles a castração é do âmbito da possibilidade. Enquanto o menino, ao avistar o genital feminino, certifica-se da possibilidade de castração, a menina engendra outros caminhos. A menina tece a crença de que seu clitóris é um pênis pequeno e, a partir daí, pode ter duas reações: ou ela sente-se inferior por ter um membro menor que a dos meninos ou crê que um dia receberá um membro maior. Freud denomina essa última possibilidade de complexo de masculinidade. Em que pesem as reações da menina, fato é que elas estão assentadas na suposição de que seu pequeno clitóris já fora maior e de que as mulheres adultas possuem o membro devidamente formatado (Freud, 1924/2019c).

Assim, para as meninas não cabe falar em angústia de castração, mas sim em inveja do pênis, o que reverbera do desenvolvimento de seu supereu e em seu complexo de Édipo. Neste ponto, Freud parece delinear ainda outro destino para as meninas: elas assumiriam o lugar da mãe colocando-se, frente ao pai, em uma posição feminina. Ainda, seu desejo de possuir o pênis se deslocaria para o desejo de ter um bebê, inicialmente de seu pai. Segundo Freud (1924/2019c), o Édipo na menina é abandonado de maneira lenta, pela impossibilidade de realização desse desejo. A essa altura da obra de Freud, as singularidades acerca do desenvolvimento da menina já estão mais evidentes, mas sua compreensão ainda é vaga.

Em 1925, no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, Freud enfatiza que as correlações até então delineadas acerca da vida sexual infantil eram baseadas no desenvolvimento de uma criança do sexo masculino. Sobre o desenvolvimento da menina, ainda havia pontos a serem esclarecidos. Porém, até então, não era possível determinar onde as simetrias findavam. Até mesmo o desenvolvimento sexual do menino, que fora tomado como objeto de análise inicial, ainda guardava lacunas neste patamar de sua obra, especialmente no que se refere ao que Freud chama de “pré-história edípica”: a dupla orientação do Édipo entre passivo e ativo, a origem da excitação sexual, que leva o menino ao onanismo e a correlação com as fantasias originárias (Freud, 1925/2019b, p. 261).

Muito do que Freud trata neste texto já vinha sendo anunciado desde 1923, em especial, a impossibilidade de formular um paralelismo inequívoco entre o desenvolvimento da menina e do menino. Para Freud (1925/2019b), as diferenças entre meninos e meninas se aancora na anatomia, na conduta de cada um dos sexos ao avistar o sexo oposto. O menino, a princípio, desinteressa-se pela diferença, que só ganhará um destaque após a ameaça de castração. A partir daí ele abandona seus desejos edípicos. A menina, cuja castração já foi consumada, sente inveja do pênis: “ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (Freud

1925/2019b, p. 264). Aqui se destaca mais uma particularidade do desenvolvimento das meninas, qual seja, a secundariedade do complexo de Édipo:

a respeito da relação entre o complexo de Édipo e o de castração, estabelece-se uma oposição fundamental entre os dois sexos. Enquanto o complexo de Édipo do menino cai por terra através do complexo de castração, o da menina é possibilitado e introduzido pelo complexo de castração. (Freud, 1925/2019b, p. 269)

São, portanto, as repercussões do complexo de castração que precedem o complexo de Édipo na menina. Em todo caso, a operação do complexo de castração opera no sentido de inibir a masculinidade e promover a feminilidade.

Nesta seleção de textos freudianos sobre a feminilidade sucedem duas publicações: *Sobre a sexualidade feminina*, de 1931 e *A feminilidade*, de 1933. São textos muito próximos, não só temporalmente, mas também em seu conteúdo. Para Kehl (2019), todavia, há uma diferença sutil entre essas obras que se anuncia já no título de cada um. A sexualidade feminina seria relativa a questões do erotismo e do gozo femininos e a feminilidade diria respeito ao “modo de a mulher habitar seu corpo” (p. 361). Compartilhamos dessa perspectiva no sentido de que o texto de 1931 tem como foco os processos que levam da-menina-à-mulher. Já em 1933 Freud, além de retomar esse processo, esboça algumas ideias sobre a mulher adulta.

Dada a proposta de que este último texto de 1933 constasse da nova sequência de conferências introdutórias à psicanálise, seu tom é mais didático e algumas ideias aparecem mais bem estabelecidas. Assim, na tentativa de evitar repetições, trabalharemos os dois textos em conjunto, mas privilegiando o conteúdo do texto de 1933.

É em 1931, no texto *Sobre a sexualidade feminina* que Freud enfatiza que o que ele vinha formulando sobre o complexo de Édipo até então se aplicaria aos meninos. É neste texto que ele apresenta mais uma particularidade fundamental inerente ao desenvolvimento

da menina: a importância da fase pré-edípica. Ambos, meninos e meninas, compartilham de uma história pré-edípica referente à relação primária com a mãe, mas, segundo Freud, até então a importância e duração dessa fase para a menina havia sido subestimada e se mostrou mais longa do que para o menino (Freud, 1931/2019e). É importante destacar que anteriormente, em 1924, Freud já vislumbrava essa pré-história edípica para ambos e, àquela altura, sequer a do menino estava esclarecida.

Impõe-se, a partir daí, uma outra questão: se é a castração que faz o menino abandonar a mãe como objeto, o que opera para que a menina, já castrada, faça o mesmo? É isso que Freud passa a examinar. Freud busca fatores que justifiquem o abandono da mãe como objeto por parte da menina: o ciúme de outras pessoas, como irmãozinhos; a decepção inevitável com a mãe, a quem dirige demandas exigentes e inexequíveis; e a descoberta da inferioridade orgânica. O que Freud aponta como motivo mais forte para o afastamento da menina com relação à sua mãe é “a recriminação por não tê-la concebido com um genital correto, isto é, por tê-la parido como mulher” (Freud, 1931/2019e, p. 296).

Acerca da busca de uma especificidade da menina para o afastamento com sua mãe, Freud afirma que se encontra em um lugar conhecido, nas consequências psíquicas impressas pela diferença anatômica (Freud, 1933/2019a). É, portanto, no complexo de castração que o desenvolvimento sexual de meninos e meninas se diferenciam definitivamente. Prates (2019) aponta que “o menino abdica da mãe para não perder o pênis, enquanto a menina, ao contrário, decepciona-se com a mãe, mas o pênis já está perdido, por assim dizer” (p. 75). Ou seja, se a angústia de castração é o ponto central da sexualidade masculina, a inveja do pênis ocupa este lugar no desenvolvimento sexual das meninas.

Ao descobrir-se castrada, a menina pode desenvolver sua sexualidade em três direções “uma leva à inibição sexual ou à neurose; a seguinte, à alteração do caráter, no sentido de um complexo de masculinidade; e a última, finalmente, à feminilidade normal” (Freud,

1933/2019a, p. 331). É, todavia, a descoberta da castração da mãe que torna possível para a menina abandoná-la como objeto. Assim, Freud afirma que a rivalidade entre a menina e a mãe não é resultante do complexo de Édipo (como é a do menino com o pai), mas sim dessa conclusão da fase pré-edípica.

A menina volta-se, então, a partir de uma complexa equação simbólica, a quem pode lhe dar um pênis-bebê, ou seja, seu pai, entrando então na cena edípica. Tendo esse desejo frustrado, continuará essa busca na vida adulta. Eis aqui o que estamos chamando de nó mulher-mãe. A feminilidade normal, nesses termos, só se realiza a partir da maternidade e, preferencialmente, de um filho do sexo masculino. Posteriormente, vamos tentar elucidar a incidência desse nó em outros textos freudianos e em articulação com suas ideias sobre a formação da cultura. Por ora, voltemos aos textos que tratam diretamente a feminilidade

Após mais de três décadas de trabalho, em 1933, no texto *A feminilidade*, Freud afirma a impossibilidade de se descrever o que é a mulher, cabendo à psicanálise apenas investigar o percurso da menina à mulher (Freud, 1933/2019a). Investigação essa que por si só se mostrou bastante desafiadora. Não raro, Freud revisitou seus próprios textos, fazendo inclusões e problematizações acerca do que havia afirmado. É possível observar um pouco desse processo neste texto de 1933 no qual identificamos duas reformulações.

A primeira é a desconexão dos pares feminino/passividade e masculino/atividade. Freud (1933/2019a) aponta que a preferência por metas passivas, enquanto característica da feminilidade, não corresponde à passividade. Neste ponto, Freud recomenda que não nos esqueçamos das limitações impostas socialmente que podem conduzir as mulheres para situações passivas. A segunda, que poderíamos chamar também de revisão, diz respeito à formulação de uma libido única e neutra. Em 1931, Freud já anunciara a concepção de uma “única libido que, por sua vez, conhece metas, portanto, modos de satisfação, ativos ou passivos” (Freud, 1931/2019e, p.304). A novidade de 1933 parece estar em conceber a libido

como neutra, nem masculina, nem feminina. Considerando a polaridade masculino-feminino, Freud indica que não há uma libido subordinada a cada sexualidade, seguindo as metas da vida sexual de cada componente deste par. Assim, Freud (1933/2019a) conclui que “só existe uma libido que está a serviço tanto da função sexual masculina quanto da feminina” e adverte que essa força pulsional também “representa anseios com metas passivas” (p. 337).

Em que pese a importância desses acréscimos teóricos, são outros os pontos que gostaríamos de sublinhar aqui. Com um tom didático, Freud trata neste texto de 1933 de dar um breve panorama do que pôde observar ao longo de suas investigações acerca do desenvolvimento sexual feminino. Tal processo deve alcançar, segundo Freud, a adaptação à sua função sexual, o que ele aponta que as meninas não fazem sem revolta. Neste sentido, sublinha que o desenvolvimento da menina à mulher, que chama “normal”, é mais complexa que no caso do sexo oposto em razão das viragens necessárias de troca de zona erógena e de objeto. Essas trocas podem ser lidas, em especial a de objeto da mãe para o pai, como a passagem de uma fase masculina para a fase feminina.

Assim, retomamos o assunto das definições com a qual abrimos este capítulo após termos seguido o fio freudiano. Nesse texto de 1933, *A feminilidade*, apesar de seu título nos trazer a expectativa de uma definição didática para feminilidade e apesar da advertência freudiana sobre os limites da psicanálise para descrever o que é a mulher, paradoxalmente, em suas primeiras páginas o que aparece é uma definição para o termo... mulher: “indivíduos humanos que, por possuírem genitais femininos, são caracterizados, manifesta ou predominantemente, como femininos” (Freud, 1933/2019a, p. 318). Trazer aqui essa interpretação sobre o texto freudiano nos servirá como maneira de pavimentar alguns argumentos posteriores. Compreendemos que o contexto em que essa definição de mulher aparece no texto e na obra de Freud diz respeito muito mais à intenção freudiana em apontar os limites de suas investigações, que pouco alcançaram as especificidades da mulher adulta.

Mulher é aquela anatomicamente portadora de genitais femininos cujo desenvolvimento sexual a levou à conformação à sua função sexual, estaria aí a assunção à feminilidade. Psiquicamente, a feminilidade diz respeito ao desejo, nunca superado, por possuir o falo. Anatomicamente ou biologicamente, maneira como estamos interpretando o que Freud chama de “função sexual”, a feminilidade corresponderia a produzir um bebê. O que guia nosso trabalho daqui em diante é uma pergunta que se impõe a partir desta concepção de feminilidade formulada por Freud: a equação falo = bebê, que corresponde à mulher = mãe, é a única possível?

1.3 Feminilidade e o Nó Mulher-Mãe

A feminilidade parece representar o ponto de onde partiu a psicanálise, mas também se configura como um ponto de constante regresso. Foi a escuta das histéricas e de seus desejos interditados pela concepção de feminilidade vigente que fundou a psicanálise. E foi em torno da constituição dessa mesma feminilidade que Freud trabalhou ao longo de sua obra, atrelando-a, finalmente, à maternidade. Demes, Chatelard e Celes (2011, p. 652) também identificam algo neste sentido, chamando de movimento pendular este em que “o pensamento psicanalítico ora avança, rompendo com o naturalismo dos sexos (por exemplo, ao formular os conceitos de sexualidade infantil e pulsão), ora retrocede, ao atualizar imagens parcializadas e preconcebidas no percurso da menina em busca do tornar-se mulher”.

Dessa conformação histórica e teórica derivam algumas posições frente ao pensamento freudiano. Há vertentes que enfatizam a obra de Freud como subversiva, exatamente por “dar voz” às mulheres. Há outras que sublinham a estreiteza das ideias freudianas sobre a mulher, em especial ao nó mulher-mãe e toda a concepção freudiana acerca da pouca capacidade sublimatória feminina. Não abordaremos diretamente essas questões que, por si só, exigiriam um extenso trabalho. Acreditamos que é possível concordar

com essas leituras, e, sustentando esta ambivalência, tentar avançar nos pontos que, no contexto deste trabalho, nos aparecem como impasse. Assim, buscaremos aqui destacar de forma concisa alguns pontos acerca do nó mulher-mãe.

Para Paul-Laurent Assoun (1993, p. 31), na genealogia da relação de Freud com a feminilidade, a figura da mãe é o nó primordial, “ela é, no sentido mais radical, a primeira mulher”. Nos alinhando com essa compreensão, o que propomos aqui como nó mulher-mãe guarda um duplo sentido. Um primeiro se refere à relação da menina, em seu caminho para se fazer mulher, com sua mãe. É na pré-história edípica que se acentua a diferença de desenvolvimento entre meninos e meninas na teoria freudiana. Para Freud, a fase pré-edípica, assentada na relação da menina com sua mãe, é decisiva para o desenvolvimento da menina. As razões que levaram a menina a abandonar³ sua mãe, o primeiro objeto de amor, e a viragem para seu pai, a ambivalência que persiste nesse processo e, em última instância, a identificação da menina – caso caminhe à feminilidade normal – exatamente com essa função, são tensões que Freud buscou responder, conforme acompanhamos no item anterior.

Sobre este primeiro nó mulher-mãe, ou menina-mãe, Malvine Zalcberg (2019, p. 208) afirma que a filha, ao longo de seu desenvolvimento, dirige duas questões à sua mãe, na infância pergunta a ela “quem sou eu como menina?” e na adolescência “Mãe, o que é ser mulher para você?”. São questões sobre a feminilidade, sobre o que é ser uma mulher. E as respostas freudianas retornavam à maternidade, como aponta Serge André (2003):

para guiar a filha no sentido da realização de sua feminilidade, ele [Freud] deixa, em suma, as chaves da feminilidade aos cuidados do desejo de ser mãe. O tornar-se mulher se confunde aqui com um tornar-se mãe. O desejo de um filho, suposto dar uma realização simbólica ao desejo inicial do pênis, significa em última instância que

³ Malvine Zalcberg (2019, p. 222) aponta que a filha não se separa totalmente de sua mãe, pois a lei da castração é aceita somente em parte pela menina, assim ela pode continuar numa relação incestuosa com sua mãe sem que ninguém estranhe esse colamento.

Freud atribui ao filho o papel de significante da identidade feminina, à falta de um outro sinal. (p. 198)

Assim, chegamos ao segundo sentido (ou nível) do nó mulher-mãe, que diz respeito à concepção freudiana acerca da feminilidade “normal” atrelada à maternidade.

A equivalência entre mulher e maternidade foi sendo construída ao longo da história, não sendo, portanto, uma novidade trazida pela psicanálise. Nunes (2011) retoma alguns aspectos históricos desse processo e afirma que durante os séculos XVIII e XIX teve início um processo político que buscava fixar a mulher à função materna e marital. Para embasar esse processo de dominação feminina, que se encontrava em contradição com os ideais liberais da ordem burguesa nascente, o caminho encontrado foi ancorar as diferenças sexuais e consequentes diferenças culturais como dados da biologia.

Se, desde a Antiguidade até o século XVII, o sexo feminino e o masculino eram considerados homólogos, é no século XVIII, “a partir da necessidade de redefinir a posição da mulher na família e na sociedade europeia”, que a diferença sexual passa a ser tomada como referência (Nunes, 2011, p. 105). Ou seja, não foi a diferença anatômica que implicou em diferentes “essências” masculinas e femininas, mas o contrário, foi para corroborar com um projeto que determinava papéis distintos e muito bem definidos para homens e mulheres que o discurso científico deu novos contornos à diferença anatômica. E, quanto à mulher, portadora do útero, a maternidade é seu caminho não só natural, mas ideal.

José Molina (2016) aponta que o que Freud dizia das mulheres referia-se, sobretudo, ao que o seu entorno dizia sobre elas. Nesta esteira, ao questionar o que se passava com as mulheres na passagem para a modernidade, momento em que se criava a psicanálise, Almeida (2012) aponta um paradoxo. Por um lado, a chamada “natureza feminina” estaria ancorada na perfeita adequação das mulheres aos atributos correntes da feminilidade, ou seja, à docilidade, recato, passividade em relação aos desejos dos homens e dos filhos. Por outro,

havia uma ideia corrente de que essa mesma “natureza feminina”, agora referente ao campo sexual, era portadora de um excesso ameaçador e, portanto, deveria ser domada (ou literalmente domesticada) para que as mulheres pudessem cumprir seu propósito de serem esposas e mães. Trata-se, assim, de uma ratificação, no âmbito geral da cultura, de ideias religiosas que colocavam em “oposição maternidade e desejo no ser da mulher” (Almeida, 2012, p. 30). Este parece ser exatamente o impasse ao qual chegamos quando seguimos as construções freudianas.

Nos parece que Freud reflete, em certa medida, a episteme de sua época ao mesmo tempo que volta a alimentá-la. Ao comentar uma passagem freudiana do texto de 1933 em que ele relata que a experiência analítica mostra uma fixidez libidinal nas mulheres adultas, Kehl (2019) diz que se trata, na verdade, da ausência de novos destinos que não o casamento e a maternidade, assim “se a mulher só produz filhos, ela se produz como mãe. Ou como histérica” (p. 365). É preciso dizer que Freud não estava alheio às incidências do campo social na constituição da feminilidade, mas se protegeu na suposta ignorância sobre o alcance dessa dimensão.

Mesmo em seus textos mais tardios acerca da feminilidade, Freud insiste em identificar o “desejo de pênis como um desejo feminino por excelência”, a partir da já comentada equação simbólica pênis = bebê (Freud, 1933/2019a, p. 334). Sobre esta passagem, Zafiropoulos (2009), se servindo da dialética lacaniana de “ser ou ter” o falo, aponta que o desejo de pênis, mencionado por Freud, estaria alinhado à ideia de satisfação, completude. Assim, “ter” o falo que falta apontaria para esse nó mulher-mãe. “Ser” o falo que falta no Outro, engendra a posição histérica. Assim, o registro do desejo, sendo da ordem da busca, do movimento e da incompletude é onde se localiza o ser da mulher. E essa dimensão não foi alcançada por Freud.

De forma semelhante, Nunes (2011) afirma que o desejo é uma moção pulsional que move o sujeito para a vida e que, portanto, é condição de possibilidade para o querer. Acrescenta que o desejo se singulariza em um querer a partir da história de cada um e é conformado por um determinado contexto histórico e cultural. Desejar e querer abririam novas possibilidades subjetivas para as mulheres que não só a maternidade.

Tal como as Moiras, figuras mitológicas responsáveis por tecer o destino dos homens, Freud teceu um destino para as mulheres em sua teoria. A feminilidade que ata mulher à mãe foi que ele pôde apontar como caminho normal. Em certa altura, ele confessa que não é capaz de dizer sobre o que quer uma mulher. É isso que escreve à Marie Bonaparte. E parece ser exatamente a dimensão do desejo, enquanto condição de possibilidade para “os quereres” que lhe escapa em sua leitura das mulheres. Cabe a cada mulher, uma a uma, ser artesã de sua própria feminilidade.

Capítulo 2 - Uma Leitura nas Entrelinhas

Se quiserem saber mais sobre a feminilidade, então perguntam às suas próprias experiências de vida ou voltem-se aos poetas, ou esperem até que a ciência possa lhe dar informações mais profundas e mais bem articuladas.

– Sigmund Freud, *A feminilidade*

2.1 A Psicanálise e seus Enlaces

Freud finaliza seu texto de 1933, *A feminilidade*, apontando os limites das contribuições da psicanálise sobre a feminilidade e recomenda, caso queiramos saber mais, que busquemos os poetas. O conselho freudiano foi precedido por sua própria experiência. O enlace com saberes e campos diversos, dentre eles as artes, a literatura e a mitologia é bastante presente nos textos freudianos. Esses campos, e também a psicanálise, transitam entre o universal – presente na comunidade humana – e o que disso se atualiza na singularidade para cada sujeito. Assim, esses saberes se entrelaçam em um diálogo recíproco que não só foi percebido por Freud, mas também foi experimentado e fomentado por ele.

Neste trabalho, propomos uma leitura nas entrelinhas de um texto de Freud publicado em 1913, intitulado *O motivo da escolha dos cofrinhos*. Freud indica que a inspiração para a escrita desse texto veio de duas peças de William Shakespeare que, em sua análise, atualizam o mito grego das Moiras. Assim, este escrito parece representar esse enlace entre a psicanálise, a literatura e a mitologia. Antes de adentrarmos a trama do texto em si, vale retomar de maneira panorâmica os contornos desse enlace na obra freudiana para destacar aquilo que pode nos auxiliar na leitura do texto dos cofrinhos.

No artigo de 1919, *Deve-se Ensinar a Psicanálise nas Universidades?*, Freud afirma que a aplicabilidade do método psicanalítico não se restringe ao âmbito dos distúrbios

psíquicos, mas sim pode se estender para os campos da arte, literatura, mitologia, religião e filosofia. Em 1926, no texto *A Questão da Análise Leiga: Conversas com uma Pessoa Imparcial*, ele aponta que a formação em psicanálise deveria abranger ramos de conhecimento distantes da medicina, dentre eles, “história da cultura, mitologia, psicologia da religião e ciência da literatura sob pena de não compreender, pois sem uma boa orientação nessas áreas, o analista se verá diante de boa parte de seu material com uma postura de incompreensão” (Freud, 1926/2017c, p. 284). Ao longo da obra freudiana, esses enlaces assumiram nuances diferentes. Ora o recurso a esses campos objetivava ilustrar proposições teóricas ou fornecer confirmações aos achados psicanalíticos, ora se constituiu como escopo para fundamentar e formalizar alguns conceitos centrais para a psicanálise.

Freud foi um grande leitor e apostava que os mitos, cujas histórias continuam sendo reproduzidas sob novas roupagens, não perecem em razão de sua universalidade, eles ressoam algo de cada um de nós. A literatura parece ter atravessado também o estilo de sua escuta e escrita. Freud era médico e, muito embora seu esforço sempre tenha sido garantir um estatuto de ciência à psicanálise, ele privilegiou a narrativa dos sujeitos, em sua singularidade, se opondo assim à estreiteza da nosologia tão cara a uma certa compreensão acerca do que é ciência. Para Jean-Bertrand Pontalis e Edmundo Mango (2014), a obra inaugural da Psicanálise, *A interpretação dos sonhos*, aproxima o que seriam as duas almas freudianas: o escritor (ou poeta) e o cientista. Esse texto de 1900 exigiua de Freud uma parcela de exposição de sua vida privada – comum aos escritores, mas não aos cientistas – em prol da sustentação de seus argumentos psicanalíticos.

É também nesta obra que encontramos “uma aliança fundadora entre a psicanálise e a literatura: o conflito constitutivo da psique humana, que Freud denominará complexo de Édipo” (Pontalis & Mango, 2014, p. 222). Em *A interpretação dos sonhos* (1900/2017b), ao tratar dos materiais e fontes do sonho, Freud recorre à lenda do Rei Édipo, da tragédia de

Sófocles, para confirmar suas impressões clínicas acerca do papel desempenhado pelos pais na vida mental das crianças na origem das psiconeuroses. Para Freud, a lenda do Édipo seria uma reação imaginativa aos desejos tipicamente infantis de deitar-se com a mãe e matar o pai. Além disso, diferente de produções posteriores, em Sófocles esses desejos são realizados, o que aproximaria a lenda da estrutura do sonho.

Esse mesmo material, modificado em razão do processo de recalcamento na vida psíquica da espécie humana ao longo do tempo, seria encontrado na tragédia shakespeariana *Hamlet*. Diferente da história de Sófocles, o incesto e parricídio não são realizados de maneira direta por Hamlet. Porém, esses desejos são denunciados por seu sentimento de culpa: “Hamlet pode fazer tudo, só não pode se vingar do homem que eliminou seu pai e tomou o lugar dele junto à sua mãe, o homem que lhe mostra a realização de seus desejos infantis recalcados” (Freud, 1900/2017b, p. 288).

Desse apontamento já podemos observar que Freud alinha os mitos aos sonhos e essa ideia será ratificada ao longo de sua obra. Para ele, os mitos, assim como os contos de fadas, lendas e folclore, se assemelhavam aos sonhos em seu modo simbólico de expressão. Essas produções seriam formações do que Freud chama de psicologia dos povos e “corresponderiam inteiramente aos mitos os resíduos deformados das fantasias de desejo de toda uma nação, os sonhos seculares da jovem humanidade” (Freud, 1908/2017e, p. 63). As histórias mitológicas seriam, assim, trabalhos mentais criativos voltados para a realização dos desejos. Mais adiante, quando revisa sua teoria dos sonhos, Freud afirma que, não raro, a interpretação dos sonhos é capaz de elucidar, de modo especial, temas mitológicos. Veremos adiante, no texto *O motivo da escolha dos cofrinhos*, que Freud se utiliza dessa premissa na interpretação do mito das Moiras e a estende às peças shakespearianas.

Investigando as relações que se estabelecem entre os mitos e a psicanálise, Ana Vicentini de Azevedo (2004) aponta duas características dos mitos, a repetição e a

ambiguidade, tornam a mitologia como campo de interesse psicanalítico. Para ela, “o mito põe na cena da palavra, da linguagem, muito do que a psicanálise vai mais tarde explicitar, a partir da lógica do inconsciente” (Azevedo, 2004, p. 19). Se, nos mitos, as narrativas e temas se repetem e, se neles, é possível a coexistência de opositos condensados em imagens simbólicas que guardam significados múltiplos, Freud vê nessa estrutura uma aproximação com o funcionamento do inconsciente. No texto *O motivo da escolha dos cofrinhos*, Freud vai desenvolver seus argumentos partindo da observação de que o tema de uma escolha triádica se repete em diversas obras.

Se os mitos poderiam revelar algo da humanidade, as obras artísticas e literárias poderiam revelar algo do artista e autor. Esta foi uma das formas de aproximação entre a psicanálise e o campo literário. O que chamamos aqui de enlaces, Ana Costa (2015) chama de litorais para destacar que há elementos heterogêneos em jogo, mas cujos limites não são contínuos. O trânsito freudiano nestes litorais se deu sempre em função da clínica psicanalítica, ou seja, referida ao inconsciente. A posição freudiana acerca do papel da psicanálise frente à mitologia, a literatura e arte é expressa de maneira assertiva em 1924, no *Resumo da Psicanálise*. Ao partir da compreensão de que a vida psíquica inconsciente, que se refere aos conflitos entre as pulsões, os processos de repressão e a formação de satisfações substitutivas, está para além da individualidade de cada sujeito, Freud afirma que a psicanálise não só pode ser estendida para outros âmbitos da vida humana, alcançando assim as criações culturais, mas “está em condições de dar a palavra decisiva em todas as questões atinentes à vida da fantasia no ser humano” (Freud 1924/2011, p. 249).

É possível identificar ao longo da obra freudiana formas distintas dessa aproximação. No posfácio à segunda edição do texto *O Delírio e os Sonhos na Gradiva de W. Jensen*, Freud enumera pelo menos duas maneiras em que esses campos se enlaçam. Ele diz que em um primeiro momento seu recurso às criações literárias tinham a intenção de buscar

confirmações para achados psicanalíticos. Uma segunda via de aproximação seria investigar materiais (impressões e lembranças) a partir dos quais o escritor cria sua obra (Freud, 1912/2015b). Estendendo a observação para além da literatura, considerando o campo da arte de modo amplo, Ernani Chaves (2024) identifica ainda um terceiro momento ou forma de aproximação de Freud e este campo no texto *O Infamiliar*. Segundo o autor, este texto de 1919 escapa, ao menos parcialmente, ao que chama de “determinismo da vida sobre a obra” referente ao empreendimento freudiano de articular a obra à neurose do autor e, assim, as expressões artísticas poderiam ser compreendidas a partir de parâmetros estéticos (Chaves 2017, p.11). Centrado nos fenômenos “infamiliares”, Chaves (2024, p. 154) observa que Freud cria, então, um novo dispositivo interpretativo e uma nova definição de estética, não mais restrita a uma “doutrina do belo”, alçando a psicanálise a uma outra posição frente ao campo estético.

Ainda que os modos de enlaçamento entre a psicanálise e a literatura tenham assumido formas diferentes ao longo de sua obra, Freud sempre prestou deferência aos poetas e escritores. No texto de 1908, *O Poeta e o Fantasiar*, texto que traz contribuições fundamentais sobre a noção de fantasia, Freud aponta que as obras literárias e artísticas são capazes de nos indicar, recobertos com o segredo da “*Ars poetica*”, aquilo que nos afeta mais intimamente e, assim, reduzem a distância entre o que é singular e a essência humana (Freud, 1908/2017e, p. 64). Há, assim, um saber na arte e nas obras literárias, que precede e interessa à psicanálise. Esta é a posição freudiana no texto da Gradiva em que afirma que “a caracterização da vida psíquica humana, é, de fato, o autêntico domínio do escritor. Ele sempre foi um precursor da ciência e, portanto, também da psicologia científica” (Freud, 1907/2015a, p. 61).

Dentre os escritores com quem Freud dialoga em suas obras, o poeta e dramaturgo inglês, William Shakespeare, parece ter proeminência e nos interessa aqui investigar

rapidamente essa relação, pois é a partir de peças shakespearianas que Freud escreve o texto dos cofrinhos. Conforme Clara Nunes (1996), considerando os vinte e três volumes da obra completa Freud da Edição Standard, Shakespeare só não é citado em três. A relevância de Shakespeare na e para a obra freudiana não é apenas quantitativa. É enquanto incorporação que Pontalis e Mango (2014) definem essa relação: Freud não teria apenas citado ou se referido a Shakespeare, mas sim se alimentado de suas obras. Destacam que *A Tragédia de Hamlet, Príncipe da Dinamarca* acompanhou Freud ao longo de toda sua vida e obra, das correspondências íntimas adolescentes, àquelas com interlocutores do campo da ciência e, claro, em seus textos teóricos: “encontramos uma primeira menção a ela numa carta endereçada a Fliess em 27 de setembro de 1897 e a última no *Esboço de Psicanálise*, de 1937” (Pontalis e Mango 2014, p. 27).

Essa presença constante de Shakespeare nos coloca a questão sobre o que em suas peças e personagens teriam chamado tanto a atenção de Freud. Christian Dunker (2015) afirma que Shakespeare precede Freud na criação de uma subjetividade discursiva e, portanto, pavimenta as condições de possibilidade para psicanálise. Se Freud teorizou sobre o inconsciente e ofereceu o divã, Shakespeare já havia o apresentado nos palcos do teatro. Neste sentido, Harold Bloom (2000) aponta que a unicidade shakespeariana, que em nossa leitura favorece a aproximação com a psicanálise, diz respeito à capacidade dos personagens de se transformarem a partir de um confronto consigo mesmos. Para o autor,

antes de Shakespeare, os personagens literários são, relativamente, imutáveis. Homens e mulheres são representados, envelhecendo e morrendo, mas não se desenvolvem a partir de alterações interiores, e sim em decorrência de seu relacionamento com os deuses. Em Shakespeare, os personagens não se revelam, mas se desenvolvem, e o fazem porque têm uma capacidade de se autorecriarem. Às vezes, isso ocorre porque, involuntariamente, escutam a própria voz, falando consigo

mesmos ou com terceiros. Para tais personagens, escutar a si mesmos constitui o nobre caminho da individuação. (Bloom, 2000, p. 19)

Essa perspectiva foi, em alguma medida, experienciada na nossa leitura das peças *O Mercador de Veneza* e *Rei Lear*, inspirações de Freud para a escrita do texto de 1913. Conforme Bloom (2001) aponta, Shakespeare nos apresenta personagens que têm de lidar com suas próprias escolhas e não estão mais submissos às profecias divinas. Nossa leitura-escuta permite ouvir Pórcia lamentar sobre seu destino e traçar estratégias para alterar o rumo dos acontecimentos. Também ouvimos Cordélia refletir sobre como expressar seu amor diante dos exageros das irmãs. De maneira preliminar, nos parece que o dramaturgo inglês nos apresenta personagens mais próximos à ideia de sujeito, pois desejam, agem, se culpam e têm de lidar com as consequências de suas escolhas e ações. Curiosamente, Freud alinha as cenas que extraí dessas peças às Moiras, fiandeiras do destino. No entanto, nossa leitura nos levou, como veremos mais detalhadamente nos próximos tópicos, para um caminho alternativo, de confronto com a ideia de um destino traçado.

Para finalizar esta breve reflexão sobre os enlaces com psicanálise que se fazem presentes no texto de 1913, antecipando nossa posição e, de certa maneira, metodologia de trabalho, recorremos à perspectiva sustentada por Rafael Villari (2000). É por meio de uma dualidade entre possibilidade e impossibilidade que o autor delinea seu posicionamento acerca do encontro entre psicanálise e literatura. Trata-se, segundo ele, não da possibilidade de articulação em si, mas do que se produz a partir desse encontro. Indica como impossível aquela relação que toma o texto literário como objeto ao qual poderia ser aplicada a teoria psicanalítica. Essa postura, que busca acrescentar sentidos ao texto literário, produziria apenas um reencontro, uma confirmação da teoria psicanalítica. A relação possível, segundo ele, vai no caminho oposto que nomeia como extrativa. Localiza o leitor e a psicanálise em uma posição faltante, de não saber. Nesse sentido, a literatura seria um lugar no qual é

possível encontrar algo. É a partir dessa posição, apostando que poderemos encontrar algo, que retomamos tanto o texto freudiano *O motivo da escolha dos cofrinhos* e as duas peças shakespearianas nele mencionadas.

2.2 Três Motivos e Três Textos

*O motivo da escolha dos cofrinhos*⁴ é o título de um texto de Freud de 1913 que não figura entre os grandes textos metapsicológicos, apesar da sua proximidade temporal com a publicação de alguns deles. Com algumas importantes exceções, como o trabalho de Paul-Laurent Assoun (1993), que interpreta esse texto como uma epígrafe da compreensão freudiana sobre a feminilidade, essa obra de 1913 não é amplamente tomada como basilar quando se trata do estudo deste tema, sua aparição é reservada a breves comentários. Trata-se de um texto que dialoga muito diretamente com os campos da literatura e mitologia. Na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, que organiza as obras do autor em ordem cronológica de publicação, o referido texto é listado na “Relação das Obras de Freud que Tratam de Antropologia Social, Mitologia e História das Religiões”. Já na coleção Obras Incompletas de Sigmund Freud, da editora Autêntica, que adota uma organização temática dos escritos freudianos, este texto de 1913 está publicado no volume dedicado à Arte, literatura e os artistas.

O motivo de Freud para a escrita desse texto teria sido revelado por ele próprio. Em correspondências trocadas com Sándor Ferenczi entre 1912 e 1913, Freud aponta que sua relação com suas filhas, em especial com Anna Freud – a mais nova entre todos os filhos e a

⁴ O título deste texto de 1913 conta com diferentes traduções. Aqui utilizamos a tradução de Ernani Chaves, consolidada na coleção Obras incompletas de Sigmund Freud, da editora Autêntica. Na Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, da Imago, o texto encontra-se no volume XII e seu título foi traduzido como “O tema dos três escrínios”. Já a Editora Companhia das Letras traduziu o título do texto, constante do volume 10 da coleção Sigmund Freud - Obras Completas, como “O tema da escolha do cofrinho”.

terceira filha – foi a motivação para a escrita do texto dos cofrinhos. Esta é a informação que as cartas publicadas e os editores trazem⁵.

É possível que o texto dos cofrinhos também corresponda a uma elaboração de um sonho do próprio Freud, cujo conteúdo e análise estão em sua obra *A interpretação dos sonhos* na seção dedicada a pensar o infantil como fonte das produções oníricas. Em seu sonho, Freud (1900/2017b) se depara com a figura de três mulheres e as relaciona com as Três Parcas, figuras que também são trazidas no texto dos cofrinhos. Já na interpretação fornecida por Freud, encontramos as ideias fundamentais que constituem o texto de 1913: a figura da mãe que dá a vida, o encontro entre amor e fome no seio da mulher e, relacionando seu sonho a uma lembrança infantil com sua própria mãe, a relação dessa figura com a morte (Freud, 1900/2017b).

Quanto ao anúncio de Freud que a leitura de duas peças shakespearianas o inspirou na escrita do texto dos cofrinhos, Guilherme Gutman (2008) parte da ideia freudiana de que os mitos e a literatura se referem a conteúdos psíquicos projetados nessas histórias e aponta que os temas, ou motivos que eles expõem, são experienciados como “nossos motivos”. Assim, ele arrisca dizer que o interesse especial de Freud por Lear, personagem shakespeariano que dá título a uma das obras de Shakespeare trabalhadas no texto dos cofrinhos, se dá pelo reconhecimento de sua “filiação ao material dramático”, ou seja, sua identificação à Lear, tese que seria reforçada pela correspondência que mencionamos (Gutman, 2008, p. 111). Haveria algo de Freud em Lear.

Vamos deixar o risco dessa interpretação com o autor, mas mantendo (e, de certa forma, testemunhando) a ideia geral que nos é apresentada. Para ele, quando temos um especial interesse por texto, quando ele permanece e insiste na memória, “trata-se de um

⁵ Parte desta informação consta na “Nota do editor inglês” em *O tema dos três escrínios* da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XII: O caso Schreber; artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Guilherme Gutman (2008) também faz referência a uma correspondência de Freud endereçada a Sándor Ferenczi.

sintoma *lato sensu*, é certo; porque neste caso não é exatamente um indicativo de psicopatologia. Antes, é um modo de lidar com “um algo” que ainda não encontrou as palavras que a tornariam outra coisa” (Gutman, 2008, p. 111-112). E o texto de 1913 tem permanecido e insistido em mim, o que me leva ao terceiro motivo.

O motivo da escolha do texto como material de análise neste trabalho partiu, em um primeiro momento, do seu enlace com a mitologia. Foi o recurso freudiano ao mito das Moiras o que despertou em mim o interesse inicial por este texto. O mito nos diz que essas três irmãs fianeiras são as responsáveis tecer o destino dos homens do nascimento à morte, ou seja, tecem o fio da vida e, assim, determinam o tempo para cada homem. O que o mito e o encontro inicial com o texto de Freud evocaram foi a ideia de que o vir-a-ser dos sujeitos exige um tempo próprio. Se o destino traçado no mito é o dos *homens* e se a interpretação freudiana diz, como veremos, que cada uma das irmãs fianeiras representa o laço inevitável do *homem* com a mulher, restou a pergunta sobre o tempo para tecer o feminino. Esse é um fio solto, um tema que não será tratado aqui neste trabalho, mas que, em alguma medida, deu origem a ele. É preciso dar tempo ao tempo. Ninguém pode ler duas vezes o mesmo texto, pois quando o lemos novamente, não se encontram as mesmas palavras, nem o mesmo leitor. A cada retomada d’*O motivo da escolha dos cofrinhos*, um outro texto se produzia e suscitava outras questões. De maneira preliminar, talvez possa dizer que no “destino” – do ofício das Moiras, dos homens (conforme assinala diretamente Freud) e das mulheres – uma nova costura se fez.

No texto em análise, Freud sublinha a recorrência de uma temática em diferentes produções teatrais, literárias e mitológicas. Trata-se de um dilema imposto a um sujeito para que faça uma escolha entre três elementos. Do mito das Moiras, o psicanalista retira as representações de que essas deusas, assim como as figuras das outras histórias, corresponderiam às inevitáveis ligações dos homens com as mulheres: “a própria mãe, a

amada que ele escolhe de acordo com a imagem desta e, por fim, a mãe terra, que novamente o acolhe" (Freud, 1913/2017d, p. 181). Dizendo do destino dos homens, Freud acabou por traçar também um destino para as mulheres: de formas distintas, a mulher é a mãe. É a partir desse nó mulher-mãe, que mencionamos no capítulo anterior, que partiu essa nova leitura do texto de 1913. O que propomos aqui é uma leitura nas entrelinhas do texto *O motivo da escolha dos cofrinhos* na tentativa de tecer um outro destino para a feminilidade.

2.2.1 *O Motivo da Escolha dos Cofrinhos*

O texto de Freud, *O motivo da escolha dos cofrinhos*, foi inspirado por duas cenas retiradas das peças *O Mercador de Veneza* e *O Rei Lear*, de William Shakespeare, ambas centradas em uma escolha triádica. Essas cenas suscitaram reflexões em Freud que o levaram à elaboração deste escrito. Em *O Mercador de Veneza*, a fim de se casar com Pórcia, os pretendentes devem tentar a sorte na escolha entre três cofrinhos. Apenas aquele que fizer a escolha correta, encontrando a foto de Pórcia, poderá desposá-la. Já na segunda peça, *O Rei Lear*, o reino deve ser dividido entre as três filhas do rei na justa medida do amor que cada uma demonstra ao pai. Cordélia, a filha mais nova, se nega às bajulações. Neste texto de 1913, Freud recorre a diversas outras fontes literárias e mitológicas. Porém, como as duas peças foram apontadas por Freud como a fonte de inspiração e, por Shakespeare ser um autor de grande proeminência dentro da obra freudiana, optamos por também percorrer essas criações shakespearianas de maneira mais detalhada adiante.

As interpretações que Freud nos fornece sobre as obras que cita nesse texto de 1913 fundamentam-se na ideia da similitude entre os mitos e os sonhos. Assim, quando nos apresenta sua leitura dos textos trazidos nesta obra, ele destaca, por diversas vezes, substituições simbólicas que se assemelham àquelas operadas pelo trabalho do sonho. Um aspecto brevemente tratado por Freud (1913/2017d, p. 169), e que nos interessa aqui

sublinhar diz respeito à “mudança do motivo”. Há uma inversão da posição das mulheres nas histórias: das que detêm o poder de escolha, passam à posição de escolhidas. Se tanto no conto medieval quanto na epopeia estoniana, duas obras inicialmente citadas, quem tem o papel de escolher é uma mulher, na peça *O Mercador de Veneza* esse papel é transferido para um homem, que deve escolher entre os três cofrinhos. Tomando os cofrinhos como substitutos simbólicos para mulher, Freud aponta, então, que é sobre este drama humano que as histórias versam, o da “escolha de um homem entre três mulheres” (Freud, 1913/2017d, p. 169).

Antes de prosseguir no traçado de Freud, é necessário assinalar que, assim como nas histórias que analisa, no texto em questão, Freud parece ter feito algumas escolhas. Ele próprio nos lembra que também no gênero mítico, em que o escritor trabalha com um material pré-existente, conserva-se a independência na escolha das alterações que propõe (Freud, 1908/2017e). A primeira escolha de Freud foi analisar apenas *duas cenas* shakespearianas e não tratar das peças como um todo. A nossa escolha vai no caminho contrário, de acompanhar todo o enredo em que essas cenas foram construídas.

A segunda escolha se dá quando se assinala a “mudança do motivo” na leitura das obras que apresenta: de mulheres que escolhem para mulheres que são escolhidas (Freud, 1913/2017d, p. 169). Freud trata essa inversão como um “empurrão” fantástico. Se por um lado, a compreensão freudiana dos mitos está centrada na ideia de que os conteúdos da condição humana, seus conflitos e, especialmente, seus desejos reprimidos são projetados nas narrativas mitológicas, por outro, Freud também fez uso dessas histórias como aporte à construção de sua teoria. Poderíamos, assim, hipotetizar que a leitura freudiana parte de suas próprias projeções, ou considerar que essa reversão no seu contrário foi necessária para dialogar com o que ele propõe no texto, o que também não é sem consequências.

Nossa percepção vai ao encontro daquela, apresentada por Ernani Chaves (2024), sobre a leitura freudiana do conto *O Homem de Areia* de E. T. A. Hoffmann, que é apontada como infiel ao texto original. Todavia, ele nos alerta que a interpretação psicanalítica não pode ser realizada de outro modo, posto que na medida em que se avança na leitura do texto se desvanece a figura de leitor e emerge um autor e, portanto, um outro texto. Assim, na hipótese de considerarmos a leitura freudiana das peças de Shakespeare no texto dos cofrinhos como infiel ao trabalho original, é porque ela se fideliza ao autor Freud e suas proposições psicanalíticas. Nesse mesmo sentido, ao propormos aqui uma leitura nas entrelinhas do texto de Freud e das peças shakespearianas, não buscamos reproduzir fielmente esses textos, mas sim apontar que eles nos suscitarão outros caminhos de leitura e, consequentemente, de escrita.

Retornando ao texto de 1913, de modo a demonstrar a repetição deste enredo referente a escolha de um homem entre três mulheres, Freud (1913/2017d) faz um pequeno levantamento de produções com conteúdo semelhante. Da mitologia grega, traz o troiano Páris que foi obrigado a eleger a deusa mais bela dentre o trio Hera, Atena e Afrodite. Traz também Psique, no conto de Apuleio, sublinhando que ela era a mais jovem entre as três filhas de um rei de Mileto, e que, por sua beleza, enfureceu Afrodite. Esta, por sua vez, impôs tarefas à Psique em troca de seu perdão e concordância em seu relacionamento com seu filho Eros. Freud traz ainda o conto de fadas de Cinderela, que era a mais nova e mais bela entre três irmãs e que fora a escolhida pelo príncipe.

Tomando os recortes das histórias de Pórcia, Cordélia, Afrodite, Psique e Cinderela, Freud segue a análise dessas produções em busca de outros traços que as aproximem. Assim, além da escolha triádica em si, Freud (1913/2017d) aponta que a escolha recai sempre sobre a terceira opção: a deusa mais bela é a terceira a se apresentar, a mais nova da tríade de irmãs ou filhas é a escolhida e é o terceiro cofrinho a alternativa correta. Questionando que

característica essencial seria esta, Freud aponta que o traço comum a esse terceiro elemento é o silêncio que guardam, significado este que também desliza nas histórias que Freud analisa e refere-se desde o calar ao esconder-se. Neste ponto, ele propõe mais uma substituição simbólica tomada a partir da interpretação dos sonhos. O silêncio é, na interpretação dos sonhos, uma representação para a morte (Freud, 1913/2017d). Assim, para ratificar sua compreensão, Freud recorre aos contos *Os Doze Irmãos* e *Os Seis Cisnes*, de autoria dos irmãos Grimm, dos quais também se extrai a ideia de que o silêncio representa a morte. Partindo da compreensão de que esses enredos fantásticos e literários contam com um antecedente mitológico mais antigo, a partir destas conexões, Freud chega ao mito das Moiras.

No texto freudiano há algumas indicações sobre a origem dessas figuras, mas existem diferentes versões. Independente da genealogia, o que deste mito parece persistir é a função dessas divindades. Traremos aqui a contribuição de Marta Robles, escritora mexicana que, interessada em investigar o papel social da mulher ao longo do tempo, elege e analisa personagens femininas desde a mitologia até algumas mulheres contemporâneas. Robles (2019, p. 99) indica que as Moiras, também conhecidas como Parcas ou Fiandeiras, são três irmãs que

dão à luz, que repartem a sorte das pessoas, governam suas vidas e determinam a morte de cada um. [...] Cloto é a fiandeira que segura a roca; Laquésis é a trançadora do fio; e Átropos, a menor em estatura e mais terrível é a implacável que corta a linha com sua abominável tesoura. Era ela que determinava “até aqui e não mais além”.

Para Freud (1913/2017d), o que as histórias contadas nos mitos, contos de fadas e peças teatrais representam quando a escolha recai sobre a terceira, é a escolha pela morte. Ele alerta, todavia, que ninguém de fato escolhe a morte. É por essa razão, novamente a partir de substituições entre opostos contraditórios, que nas histórias que analisa a terceira opção é

revestida de beleza e de outras virtudes, ou, simplesmente, o amor. E o que é tido como escolha, enquanto representação invertida de um desejo, está, na verdade, no lugar de destino.

As obras visitadas por Freud teriam, portanto, se originado no arcaico enredo mitológico representado pelas Moiras. E ele nos fornece uma interpretação sobre esse trio de irmãs fiandeiras do destino:

para o homem as três constituiriam a inevitável ligação com as mulheres, que aqui são assim representadas: a que procria, a companheira, a que arruina. Ou as três formas pelas quais a imagem da *mãe* se modifica, para ele, no decorrer da vida: a própria mãe, a amada, que ele escolhe de acordo com a imagem desta e, por fim, a mãe terra, que novamente o acolhe. Mas o ancião ambiciona, em vão, o amor da mulher, tal como ele o recebeu, de início, pela mãe; apenas a terceira das mulheres do destino, a deusa muda da morte, o tomará em seus braços (Freud, 1913/2017d, p.181).

De diferentes formas, para Freud, a mulher é a mãe. Essa ideia, do nó mulher-mãe na obra freudiana que comentamos no capítulo anterior, nos convocou a uma outra linha de leitura do texto *O motivo da escolha dos cofrinhos*. Nas entrelinhas, ou como na metodologia que o próprio Freud utiliza ao analisar as obras como sonhos, apesar de o conteúdo manifesto do texto apontar a indicação sobre as formas que a mãe se modifica, parece que podemos extrair também algo latente sobre a feminilidade. E duas questões se destacaram para nós: a primeira diz respeito à temática da morte. Pensar a finitude e, no âmbito da teoria freudiana, a pulsão de morte, é uma via de leitura privilegiada para o texto dos cofrinhos. A nós interessa seu enlace com a feminilidade, que apresentaremos ao fim deste capítulo. Um outro ponto que nos chama atenção é o que vamos chamar preliminarmente de *conflito* entre desejo e destino. Em nossa leitura, esse conflito se apresenta de maneira clara nas obras shakespearianas que inspiraram Freud na escrita do texto de 1913, mas de uma maneira

diferente daquela que ele manifestamente propôs. Seguiremos, assim, nossa leitura nas entrelinhas das peças *O Mercador de Veneza* e *O Rei Lear*.

2.2.2 *O Mercador de Veneza*

A peça teatral *O Mercador de Veneza*, de William Shakespeare, foi escrita entre os anos de 1597 e 1598 e publicada pela primeira vez em 1600, fazendo parte das primeiras produções do autor e, desde então, foi editada diversas vezes. A peça encontra-se em domínio público, mas utilizaremos aqui a tradução de Helena Barbas, lançada em 2002 pela editora Água-forte, em razão da riqueza das informações contidas no prefácio e notas. A intriga inicial se dá entre Antônio, um mercador de Veneza, Shylock, um judeu rico, e Bassânio, pretendente de Pórcia. Bassânio pede dinheiro emprestado a Antônio para realizar uma viagem em busca de Pórcia. O Mercador, que não tem os recursos em mãos, faz um empréstimo junto a Shylock e, como garantia de que pagará sua dívida, empenha um pedaço de sua carne.

O tema da escolha dos cofrinhos propriamente dito se desenrola em um plano secundário e nos é apresentado na segunda cena do primeiro ato. O pai de Pórcia, antes de morrer, ordenou que ela só se casasse com o pretendente que realizasse a escolha correta entre três caixas – as quais Freud chama de cofrinhos – que são fabricadas em três metais diferentes, ouro, prata e chumbo⁶. Em uma das caixas há o retrato de Pórcia. O pretendente que fizesse a escolha correta encontrando o retrato, teria o direito de desposá-la. É a própria personagem que nos apresenta seu drama:

Mas tais raciocínios não me ajudam a escolher um marido. Pobre de mim, uso a palavra “escolher” e não posso nem escolher quem eu queria, nem recusar quem não

⁶ No texto freudiano o terceiro metal é cobre. Ainda que haja esta variação, a ideia subjacente se mantém. Cobre e chumbo são metais menos valiosos que ouro e prata.

quero: assim está a vontade da filha viva dominada pela vontade de um pai morto.

(Shakespeare, 1600/2002, 1.2.20-25)

Os três cofrinhos são apresentados na cena 7 do ato 2:

A primeira, de ouro, esta inscrição traz: “quem me escolher ganhará o que muitos homens desejam.” A segunda, de prata, esta promessa transporta: “quem me escolher receberá tanto quanto merece.” Esta terceira, de chumbo baço, traz um aviso igualmente rude: “quem me escolher tem que dar e arriscar tudo o que tem.”.

(Shakespeare, 1600/2002, 2.7.4-9)

O retrato de Pórcia está guardado no terceiro cofrinho, de chumbo. Freud vai nos apresentar uma interpretação acerca dessa escolha, indicando que se trata da escolha pela morte.

Como sabemos, a atenção freudiana está voltada para a recorrência dessa temática da escolha triádica, porém Filipe Pereirinha (2016) nos lembra que há duas histórias se desenrolando: uma sobre o contrato entre o Antônio e Shylock e, ao mesmo tempo, a escolha dos cofrinhos. Quando Shylock exige do Mercador o pagamento da dívida e a execução do contrato que lhe garantiria uma libra de sua carne, apresenta-se a celeuma entre lei e justiça. Esse aspecto não foi mencionado por Freud no texto de 1913, ele de fato restringe seu interesse ao tema da escolha dos cofrinhos. O que une as histórias do contrato e dos cofrinhos é Pórcia. Para Pereirinha (2016), ela é a personagem mais complexa, pois diferente dos demais que permanecem iguais a si mesmos do início ao fim, Pórcia passa por uma torção. Ela é apresentada inicialmente como objeto passivo e evolui ao longo da trama apresentando uma rica singularidade, de tal maneira que “não sabemos bem onde e como situá-la, tal é a sua natureza atópica, fora do lugar” (Pereirinha, 2016, p. 33). Em nossa leitura, Pórcia tece o próprio destino.

Apesar de ter, em princípio, seu destino amoroso atrelado à loteria dos cofrinhos, desde o início nota-se uma relutância de Pórcia em não ocupar a posição de quem escolhe. Este aspecto se revela em outras cenas. Ao encontrar o primeiro pretendente que aceita tentar a sorte com os cofrinhos, Pórcia lamenta: “em termos de escolha, não sou apenas guiada pela suave orientação de uns olhos de donzela. Além disso, a lotaria do meu destino veda-me o direito à escolha voluntária” (Shakespeare, 1600/2002, 2.1.13-16). Há, portanto, no enredo da peça, elementos que incitam a crer que o destino de Pórcia está previamente traçado e que ela não pode modificá-lo. O que o desenrolar da história vai nos apontar é que, apesar do rito imposto pelo pai, Pórcia fez sim valer seu desejo. E este aspecto não foi privilegiado por Freud, ainda que reconhecesse, em uma breve passagem, que “a noiva já tinha uma inclinação por ele [Bassânio] antes da prova do destino” (Freud, 1913/2017d, p. 167).

Essa leitura, que favorece a perspectiva de Pórcia como objeto de escolha, em alguma medida encontra ressonâncias nas proposições freudianas com relação à diferença sexual. Fiorini (2009) destaca que há momentos na obra de Freud em que se observa de maneira asseverada uma polaridade sujeito-objeto na construção do masculino e feminino (em especial nos textos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e *Organização genital infantil*). Enquanto para o polo masculino se alinham as posições de sujeito-ativo-possuidor-de-pênis, para o feminino, observa-se a proposição de objeto-passivo-não-possuidora-de-pênis. Nesse sentido, aponta que essa construção também parte da posição de Freud com relação às mulheres: ele ocupava o lugar de investigador e as mulheres, desde as histéricas, de objeto.

O interesse prévio de Pórcia por Bassânio, que será o pretendente que escolhe o cofrinho correto, de chumbo, é exposto em um diálogo com sua criada já no primeiro ato da peça, na cena 2, em que são descritos outros pretendentes os quais Pórcia despreza. Bassânio, aquele que *ela* escolheu, era digno de elogios. A escolha de Pórcia é clara na segunda cena do

terceiro ato, quando demonstra que teme que Bassânio escolha o cofrinho errado e diz que poderia ensiná-lo a escolher bem e lamenta: “Oh, estes tempos difíceis. Põem grades entre o proprietário e os seus bens! E assim, embora tua, não sou tua” (Shakespeare, 1600/2002, 3.2.20-17). Além disso, há um aspecto destacado por parte da tradutora que se refere ao montante de dinheiro que Pórcia fornece à Bassânio para que pague o empréstimo feito em nome do Mercador. Barbas (2002) entende que Pórcia comprou seu amado, o que considera um aspecto de maturidade e de lucidez da personagem e da peça. Aqui, podemos interpretar como expressão de sua posição enquanto sujeito que faz uma escolha ou, simplesmente, desejante.

Há, ainda, outros dois aspectos no enredo da peça que merecem destaque. O primeiro diz respeito ao estratagema de Pórcia em se disfarçar de homem para defender, no julgamento, os interesses do Mercador. Para ocuparem esse espaço na corte, exclusivo de homens, Pórcia e sua dama de companhia, Nerissa, se vestem como homens, assim “[eles] pensarão que somos providas com o que nos falta” (Shakespeare, 1600/2002, 3.4.61-62). Essa passagem específica nos parece muito preciosa. Se vestir como homem permitiu à Pórcia transitar entre eles, transformar-se em um deles. Se aquilo que supostamente lhe falta pode ser recoberto, Pórcia parece anunciar que o falo – retomando aqui o operador teórico freudiano – é um engodo. O que falta a Pórcia, a Nerissa, às mulheres, falta também aos homens. A mínima diferença é que eles estão imaginariamente (re)vestidos. E é a partir do que supostamente lhe falta que Pórcia apostava na inventividade.

O segundo aspecto que realçamos aqui nesta cena do julgamento é que foi a partir de seu discurso, da palavra, que Pórcia defende o Mercador, amigo de seu amado, e engana Shylock, o credor. Quando Shylock exige o julgamento para que o Mercador pague sua dívida, seu interesse não é obter o valor que emprestara de volta, ele quer a carne do

Mercador, almeja assim, a morte dele (Shakespeare, 1600/2002). E é a defesa de Pórcia, exatamente sua eloquência, sua palavra, que o salva desse... destino.

O retrato de Pórcia se encontrava no terceiro cofrinho. Para Freud, é este terceiro elemento, que deve ser escolhido, que representa o destino mortífero para os homens. Freud, que lê Shakespeare em inglês, indica que Bassânio, ao apontar os predicados do terceiro cofrinho, utiliza as palavras “*paleness*” – palidez ou “*plainness*”, traduzida como simplicidade (Freud, 1913/2017d, p. 171). Assim, seria apresentado o silêncio (representante simbólico da morte) como característica do terceiro cofrinho, que em seguida seria comparado à natureza eloquente dos demais, de ouro e prata. O que o enredo da peça nos aponta é que o terceiro cofrinho encarnado em Pórcia, ao contrário, não era tão silencioso ou singelo assim. Na trama shakespeariana, ela não se contenta com um destino traçado e lançado à sorte de quem a escolha, banca (inclusive de maneira literal) seu desejo, com um gesto de astúcia se disfarça de homem da lei exatamente para tirar o melhor proveito dela e frente à iminência da morte (não a sua, mas do Mercador), ela cria. Sendo assim, não representaria Pórcia uma boa alegoria acerca da feminilidade para além daquela descrita por Freud?

2.2.3 *O Rei Lear*

A segunda obra shakespeariana que inspirou Freud na construção do texto dos cofrinhos é *O Rei Lear*, de 1606. A obra em inglês já está em domínio público, mas aqui utilizaremos a tradução de Millôr Fernandes⁷. Diferente de *O Mercador de Veneza*, que se trata de uma comédia, esta segunda obra é uma tragédia. Lawrence Pereira e Kathrin Rosenfield (2020, p. 6), em texto introdutório acerca da peça, apontam que esta obra traz um “misto único de conflito familiar e história política de divisão de reino, de conto sobre o amor

⁷ A edição utilizada não apresenta a indicação do verso, apenas cenas e atos. Assim, em nossas referências constará apenas o número da página correspondente.

e o ódio entre pais e filhos". Shakespeare não foi o primeiro dramaturgo e escritor a tratar da temática do Rei Lear, obras anteriores originadas de contos e lendas antigas teriam servido como material fornecido para diversos autores (Pereira & Rosenfield, 2020). Mas é o texto de Shakespeare, considerado por muitos o ápice de sua criação dramática, que ainda ressoa contemporaneamente, prova disso é uma recente adaptação para o cinema lançada em 2018.

O tema da escolha entre três elementos, aspecto de interesse de Freud, refere-se, neste texto, ao anúncio de Lear sobre a divisão de seu reino em três partes, cena que é apresentada nos primeiros momentos da peça. Queixando-se do peso de sua idade e vislumbrando que a morte se aproxima, o rei Lear diz que deixará o trabalho para os mais jovens. Para proceder à partilha, questiona às suas três filhas Goneril, Regana e Cordélia qual delas lhe tem mais amor para que na divisão a maior recompensa seja dada àquela que mais lhe ama (Shakespeare, 1606/1997). *O Rei Lear* tem uma trama mais complexa se comparada àquela do Mercador.

Se é a divisão do reino a trama principal, outras subtramas e personagens têm papel fundamental na peça e engendram outros caminhos de leitura. Não à toa, na primeira cena do primeiro ato somos apresentados aos Condes de Kent e de Gloucester em um diálogo sobre os filhos deste último: Edgar, seu filho legítimo e Edmundo, filho bastardo. Os Condes são fiéis a Lear e em razão disso sofrem toda sorte de infortúnios após a divisão do reino. Edmundo apresenta um arco de desenvolvimento bastante interessante na peça. Ele engana seu pai, Gloucester, e o coloca contra seu irmão Edgar por interesse na futura herança. É também esse personagem quem engana as irmãs Goneril e Regana, prometendo seu amor às duas e não amando verdadeiramente nenhuma, o que culmina na morte de ambas. E é também Edmundo quem ordena a morte de Cordélia e Lear.

Acompanhando este apanhado geral do enredo de *O Rei Lear*, algumas vias de interpretação poderiam ser adotadas. Poderíamos destacar a fidelidade dos amigos do rei,

Kent e Gloucester, que se mantiveram firmes em sua amizade e princípios, ainda que isso custasse seus olhos ou a vida. Das histórias de Goneril, Regana e Edmundo poderíamos extrair lições sobre os riscos da ambição desmedida. Da história de Edgar, poderíamos destacar sua paciência e sabedoria ante o perigo. De Lear, também o cotejamento da loucura na sua travessia da tempestade. Talvez pela riqueza de temas presentes na peça, Freud nos fornece no texto dos cofrinhos mais interpretações que com relação à do Mercador. Ele afirma que em *O Rei Lear* é possível reconhecer outras teorias acerca de seu conteúdo e hipotetizar outras intenções shakespearianas. Freud (1913/2017d) não invalida a ideia de que essa peça trata do tema da ingratidão, ou que traga como lições que não devemos renunciar aos nossos bens e direitos ainda em vida e que devemos ser atentos e cautelosos com os aduladores. Ele também aponta que a relação paterna, que renderia bons frutos dramáticos, não foi explorada na peça.

Esse reconhecimento freudiano nos é caro na medida em que já anuncia a possibilidade de outros caminhos interpretativos. Apesar disso, Freud insiste em apontar que essas interpretações não substituem a centralidade do tema da escolha entre três elementos e que tal escolha, necessariamente, deve recair sobre a terceira, equivalente à morte. No caso da peça em questão, como Lear não fez a escolha correta, tudo caiu em desgraça e, no fim, o destino mortífero se impôs. É a partir do silêncio de Cordélia que a trama se desenrola e que Freud tece seus comentários.

Lear questiona às filhas quem lhe tem mais amor. As irmãs de Cordélia, que falam primeiro, fazem declarações exageradas. E, desde o início, podemos observar Cordélia, a terceira filha do Rei, em um processo de reflexão e de autoconfronto, característica esta dos personagens shakespearianos. Após ouvir a declaração de Goneril, a irmã mais velha, Cordélia reflete: “E o que irá dizer Cordélia, agora? Ama e cala.” (Shakespeare, 1606/1997,

p. 5). Como apontado anteriormente, o silêncio é interpretado por Freud como referente à morte e o final trágico da trama reforça sua leitura.

Goneril, a mais velha, diz que ama o pai “acima de tudo que pode ser avaliado – rico ou sublime” e Regana, a segunda a se manifestar, diz que ama também como Goneril, com o acréscimo de que revela ser feliz dedicando o amor exclusivamente ao pai “só me sinto feliz em idolatrar Vossa Amada Alteza” (Shakespeare, 1606/1997, p. 5). Já Cordélia, quando questionada diretamente pelo rei da Bretanha se tem algo a dizer sobre seu amor por ele, o que pode lhe garantir um quinhão maior da herança, responde apenas que nada tem a dizer. Sua postura desagrada a Lear que insiste na pergunta, ao passo que Cordélia responde que ama seu pai como deve, “nem mais nem menos” (Shakespeare, 1606/1997, p. 5). A partir deste ponto, a postura de Cordélia parece, ao mesmo tempo, desvelar a vaidade do pai, lançar luz sobre as inconsistências nos discursos das irmãs e inscrever sua posição.

Cordélia reconhece o amor que recebeu do pai e diz que o retribui, mas questiona como suas irmãs, que são casadas, podem afirmar que só tem amor pelo pai. Cordélia diz que quando se casar, também amará seu marido (Shakespeare, 1606/1997). O que Cordélia põe em cena ali são duas posições que Dunker (2015) interpreta como concernentes ao amor, apresentando, de um lado, o amor compulsório, baseado na dependência, que se refere à demanda do pai e, por outro lado, o amor de escolha. Mais uma vez temos uma personagem que evidencia sua posição enquanto sujeito desejante, que realiza escolhas. Assim, Cordélia representa para Lear o realismo do desejo, afirma a sua escolha da posição de filha, mas sobretudo, da posição de mulher desejante (Dunker, 2015). Não é uma suposta falta de amor por parte de Cordélia que revolta Lear, mas sim o escancaramento de que ali há desejo. Não é isso que escapa à leitura de Freud sobre Cordélia, Pórcia e sobre a feminilidade?

A reação de Lear à postura de Cordélia parece ratificar a nossa interpretação. No desenrolar da trama podemos observar que Lear tenta destituir Cordélia enquanto sujeito.

Lear retira dela o lugar de filha, ele a deserda e renega suas “obrigações de pai, parentesco e afinidade de sangue” (Shakespeare, 1606/1997, p. 6). Em seguida oferece Cordélia como um objeto sem valor aos seus pretendentes, o Duque de Borgonha e o Rei da França: “quando ela nos era cara, nós a julgávamos também cara em valores; mas agora seu preço decaiu” (Shakespeare, 1606/1997, p.9). O Duque de Borgonha, interessado em um possível dote, recusa o casamento. É o Rei da França que reconhece as virtudes e o valor inestimável de Cordélia exatamente por manter-se firme em sua posição, na escolha de não bajular o pai, que a desposa.

No diálogo entre Lear e Cordélia, o rei faz uma afirmação que nos interessa e que parece ter sido um ponto de destaque também para a interpretação freudiana. Quando Lear expõe sua revolta diante do que interpreta como a dureza na resposta de Cordélia, ele diz que “a amava demais, e pensava confiar o meu descanso aos seus ternos cuidados” (Shakespeare, 1606/1997, p. 5). *Ternos cuidados* como os que um filho recebe da mãe. Essa leitura está de acordo com a apresentada por Freud (1913/2017d), que finaliza o texto dos cofrinhos afirmando que o que Lear ambicionava quando demandou amor de suas filhas era recebê-lo tal qual recebera da mãe. O que indigna Lear então, não é a falta de amor filial, que de fato Cordélia lhe presta, mas sim a sua recusa em restituir o amor materno. Mas o desejo de Cordélia não superou seu destino (ou o desejo de seu pai). Para Freud, Cordélia é a morte e, portanto, torna-se a mãe terra que recebe Lear de volta em seus braços. Na interpretação freudiana o nó mulher-mãe se impõe. Alternativamente nos questionamos se não é exatamente este nó que finalmente mata Cordélia, um nó que limita outros destinos, assim como em nossa leitura, limita outros destinos para a feminilidade.

2.3 Feminilidade e o Nô Mâe-Morte

Quando percorremos as construções freudianas acerca da feminilidade, chegamos ao que nomeamos aqui de nô mulher-mãe. Apontamos que esse nô se apresenta pelo menos de duas formas, o nô com a própria mãe, que é especialmente complexo para as meninas, e aquele referente à saída da feminilidade, tida por Freud como normal, ligada à maternidade. Foi a partir da interpretação de que as afirmações freudianas acerca da “inevitável ligação dos homens com as mulheres” ou “as três formas pelas quais a imagem da mãe se modifica para ele” também apontavam para este nô, que nos engajamos na leitura nas entrelinhas do texto *O motivo da escolha dos cofrinhos* (Freud, 1913/2017d, p.181). A retomada desse texto nos suscitou, desde o início, duas vias de leitura que, como veremos, não são paralelas, mas sim bastante enlaçadas. Um dos fios que podemos seguir nos leva ao que podemos compreender como um conflito entre escolha e destino que, em nossa leitura das peças shakespearianas, as figuras de Pórcia e Cordélia encenam. Outro fio seria aquele que articula a figura da mulher à morte. O objetivo aqui é investigar de que maneira essas linhas de leitura nos ajudam a pensar o tema da feminilidade em Freud.

A temática da morte parece ser um caminho privilegiado de tomada do texto dos cofrinhos. Interessadas na relação entre fantasia, transferência e repetição na obra de Freud, Karla Martins e Débora Oliveira (2010) apresentam uma leitura sobre o texto de 1913 indicando que, nele, Freud já apresentaria algumas reflexões que se desdobraram na noção de pulsão de morte, mais definitivamente apresentadas no texto *Além do Princípio do Prazer*. Segundo as autoras, o texto dos cofrinhos teria como tema central a construção da relação do homem com o tempo que se assentaria na maneira como lidamos com a morte. Para elas, Freud teria demonstrado nesse texto uma relação de reconciliação dos homens com a própria finitude. Retornando ao texto freudiano, esse aspecto reconciliador residia exatamente no

desejo, na escolha pela morte. Além disso, para elas, Freud teria demonstrado também um caráter duplo da morte, que guardaria as forças de anulação e ressurreição em si, “um lugar perdido onde se renasce” (Martins & Oliveira, 2010, p. 64). As autoras extraem consequências clínicas do texto freudiano dos cofrinhos, apontando que o amor e a morte, que aparecem como substitutos nos sonhos, mitos e nas histórias que Freud analisa no referido texto, conduzem à cena analítica e aos contornos da definição de transferência.

Ainda na esteira dos trabalhos que adotam a perspectiva da temática da morte como guia de leitura do texto dos cofrinhos, encontramos os comentários de Juliana Vitória (2019) que partem também de uma ideia sobre o tempo e finitude, mas o articulam de maneira mais direta com o tema da feminilidade. Do mito das Moiras, a autora extrai aspectos que considera pertencentes ao feminino: “o que é nascente, vida, sedução, horror, fragilidade e, por fim, morte” (Vitória, 2019, p.10). Articulando suas ideias também ao texto de 1916, *Transitoriedade*, a autora aponta que a fragilidade guarda em si um potencial libertador, já que assumindo essa posição seria possível produzir outros caminhos, reflexão bastante semelhante àquela proposta por Martins e Oliveira (2010).

Dois aspectos desses trabalhos se articulam às nossas reflexões: o encontro com uma barreira intransponível, representada pela morte, e as possibilidades que podem se desenrolar a partir daí; e a retomada do contexto analítico, que nos remete ao texto freudiano de 1937, *A análise finita e a infinita*. Como comentaremos adiante, é nesse texto que vislumbramos o fio solto, que escapa ao nó mulher-mãe, acerca da feminilidade na teoria freudiana.

Um outro trabalho com o qual nossa leitura dialoga é apresentado por Elizabeth Teodoro, Wilson Chaves e Mardem Silva (2020), que investigam se haveria pressupostos mitológicos que constituiriam a mulher freudiana. Assim como Martins e Oliveira (2010), eles também indicam que neste texto de 1913 há indícios das futuras formulações freudianas sobre a pulsão de morte. Junto a esta leitura, todavia, os autores enfatizam que o texto *O*

motivo da escolha dos cofrinhos evidencia o pensamento de Freud da “maternidade como característica do ser mulher” (Teodoro et al, 2020, p. 77). O trabalho desses autores também aponta, em certa medida, para o nó mulher-mãe.

O trabalho de Serge André (2003) faz uma articulação entre esse nó mulher-mãe e a temática da morte. Se nós interpretamos que há uma equivalência na obra freudiana entre a mulher e a mãe, o autor aponta para um outro par. Percorrendo a obra de Freud, tomando também como parte de seu escopo de análise o texto dos cofrinhos e cotejando seus achados à teoria lacaniana, o autor afirma que

é a Morte a palavra pela qual Freud, significa, de maneira genial, o que resta da mãe enquanto real, enquanto proibida. Na medida em que uma parte dela fica sem significante, como uma zona de silêncio com relação àquilo que se diz e que se nomeia, a mãe é um equivalente da morte, e só na morte é reencontrada. (André, 2003, p. 59)

Assim, compreendemos que André (2003) elabora, de certa forma, o nó mãe-morte. Recorrendo à noção lacaniana de Real, o autor aponta então que a morte equivaleria também à feminilidade, dado que algo dela escapa, ficando fora de alcance da palavra. Nesse mesmo sentido, Assoun (1993, p. 31) afirma que é essa associação entre a figura da mãe à morte que inaugura e condiciona a relação freudiana com a feminilidade, “a Mãe tem a vocação de encarnar o nó primordial: ela é, no sentido mais radical, a primeira mulher”.

A associação entre mãe e morte se deu no próprio inconsciente freudiano, antes que fosse elaborado teoricamente por ele, e partiu de seu encontro com essa primeira mulher. André (2003) e Assoun (1993) recuperaram alguns relatos de sonhos do próprio Freud, comentados no texto *A interpretação dos sonhos*, em que essas figuras, mãe e morte, se interligam. No centro dos sonhos, interpretados também à luz de suas lembranças infantis, está a própria mãe de Freud. Em um dos relatos ela lhe ensina, desprendendo pedaços de seu

próprio corpo, “que somos feitos de pó e que por isso ao pó voltaremos” (Freud, 1900/2017b, p. 226). Em um outro sonho de angústia, Freud se depara com sua mãe morrendo.⁸

Assim, parece que Freud delineou desde muito cedo, partindo do seu saber inconsciente, um nó triplo entre mulher-mãe-morte, em que é a figura da mãe que enlaça a mulher à morte. A esse respeito, Assoun (1993, p. 33) afirma que “é apenas na condição de mãe que a *mulher* se decifra para o *homem*”. É assim que Freud conclui o texto de 1913, *O motivo da escolha dos cofrinhos* e foi também a partir dessa noção que teorizou sobre a feminilidade ao longo de sua obra. Mas algo resistiu ao tempo, resistiu à teorização psicanalítica e permaneceu como fio solto.

A aposta metodológica que temos feito aqui é a da possibilidade de extrair outros caminhos de leitura dos textos freudianos e dos textos que o inspiraram. Nesse sentido, arriscamos dizer que se os fundamentos da apreensão freudiana acerca da mulher já habitavam os sonhos de Freud, conforme ele mesmo revela na obra de 1900, o que lhe escapou sobre a feminilidade também já estava anunciado nas entrelinhas. Freud teria revelado à Marie Bonaparte que a pergunta que permaneceu sem resposta mesmo após três décadas de trabalho é “o que quer a mulher?” (Jones, 1955/1970, p. 258). Nos parece que é exatamente a dimensão do querer da mulher que não foi alcançada por Freud em sua teorização sobre a feminilidade. Foi isso também que encontramos na nossa leitura nas entrelinhas das peças shakespearianas que inspiraram Freud para a escrita do texto dos cofrinhos.

Para Assoun (1993, p. 21), a revelação que Freud teria feito à Marie Bonaparte poderia ser reformulada da seguinte maneira: “apesar de tudo o que aprendi sobre o desejo da mulher, isso não me fez avançar nem um pingo em minha investigação sobre a natureza do que ela quer”. O autor destaca a diferença entre o querer (*Das Wollen*) e o desejo (*Der*

⁸ No índice dos sonhos proposto pela editora L&MP na sua tradução de *A interpretação dos sonhos*, as produções oníricas tratadas por André (2003) e Assoun (1993) têm como títulos “Três Parcas” e compõe o capítulo V e “Pessoas com bico de pássaros”, que consta no capítulo VII.

Wunsch), apontando que a pergunta “*Was will das Weib?*” não se articula ao desejo tal como concebido na experiência psicanalítica, e sim ao querer.

Diferente da noção de desejo que foi teorizada por Freud desde o *Projeto para uma Psicologia*, o querer não é um conceito psicanalítico, não se trata de um fenômeno ao qual podemos atribuir uma causa. Também não é uma faculdade da qual possamos extrair uma função. O querer seria “o ponto indissolúvel em que o sujeito marca sua presença em seu próprio desejo, como possibilidade de aderir a ele ou não”, é uma parcela do sujeito que não habita inteiramente em seu desejo (Assoun, 1993, p. 108). Vale lembrar que quanto ao desejo, Freud de fato forneceu resposta na sua teorização sobre a mulher e a feminilidade: desejo de um filho-falo. No texto dos cofrinhos, o desejo travestido de escolha aponta para a morte. É à dimensão do querer, que é contingente, arbitrário e refere-se àquilo que escapa aos destinos traçados, que a psicanálise não pôde fornecer resposta.

Neste ponto, vale retornar à nossa leitura nas entrelinhas de *O Mercador de Veneza* e *O Rei Lear*. Nas peças não se tem notícias das figuras das mães, nem de Pórcia, nem de Cordélia ou de qualquer outro personagem. Ainda que essas personagens façam uma escolha amorosa, não expressam desejo pela maternidade. Nas tramas shakespearianas, elas não se contentam com um destino traçado ou esperado pelo pai. Ambas bancam suas escolhas, inclusive de maneira literal, seja na oferta de dinheiro ou na perda da herança. Apesar disso, escolher não garantiu vida à Cordélia e, vale dizer, também não parece ter conferido imortalidade à Pórcia.

É sobre a tragédia de Cordélia e Lear que Freud concentra suas reflexões no texto dos cofrinhos, como forma de nos lembrar que à morte ninguém escapa (e que este é um desejo, adiante, na teoria, a ser compreendida como uma pulsão – que nos constitui e insiste). Cordélia, em última instância, sucumbiu ao destino mulher-mãe-morte. Pórcia, porém, parece lançar luz sobre a dimensão e potência do querer e da inventividade diante desse destino,

esticando seu fio e tecendo outros caminhos até o encontro inevitável com a morte. Assim, Pórcia e Cordélia parecem encenar o conflito entre escolha (ou querer) e destino que perpassa, em nossa leitura, a construção freudiana acerca da feminilidade.

Da nossa leitura nas entrelinhas, deixamos aqui mais um fio solto: não apontam Pórcia e Cordélia também para a cena analítica?

Capítulo 3 - Sobre Trançar e Tecer

Pensa-se que as mulheres fizeram poucas contribuições para os descobrimentos e invenções da história cultural, mas talvez elas tenham, afinal, inventado uma técnica, a do trançar e a do tecer.

– Sigmund Freud, *A feminilidade*

3.1 A Mulher na Trama da Cultura

À feminilidade, Freud atribui uma série de características, entre elas um narcisismo exacerbado, que pode se manifestar na escolha objetal da mulher – para quem, segundo ele, ser amada é mais importante do que amar. Associa também a feminilidade a uma supervalorização da vaidade física, entendida como efeito da inveja do pênis. Além disso, aponta a vergonha como uma característica feminina por excelência. A partir disso, Freud propõe que as atividades de trançar e tecer teriam origem justamente nesse sentimento de vergonha, funcionando como uma tentativa feminina de ocultar sua falta de pênis, ou seja, sua “inferioridade sexual originária” (Freud, 1933/2019a, p. 338). O motivo inconsciente dessas realizações – trançar e tecer – derivaria do próprio corpo feminino: dos genitais que a natureza, com o amadurecimento sexual, teria se encarregado de cobrir com pelos.

Uma leitura desatenta desta colocação e do contexto em que ela é proferida pode nos levar a crer que Freud está minimizando as contribuições das mulheres para a formação da cultura. Porém, é preciso sublinhar que ele não faz esta afirmação *aqui*. “Se for verdade”, diz ele em seguida, apontando o caráter hipotético de seu pensamento (Freud, 1933/2019a, p. 338). E, mais adiante, também nos deixa a possibilidade de recusar este seu pensamento que fixa na influência da falta de pênis a configuração da feminilidade. Nossa posição de leitura não é necessariamente de recusa do que ele propõe; situa-se mais próxima a uma tentativa de extrair novos contornos desta passagem, em especial a partir do “trançar e tecer”.

Concordamos com Assoun (1993) quando aponta que a frase freudiana que compõe o texto de 1933 é uma maneira de situá-las como formadoras da cultura. Todavia, acompanhando a obra freudiana é possível suspeitar de uma certa ambiguidade na posição de Freud. Seu pensamento parece oscilar quando se trata das contribuições das mulheres para a formação da cultura. Ora Freud destaca seu caráter fundamental – que, vale destacar, é centrado na maternidade – ora secundariza suas possibilidades de contribuição, ao apontar como característica feminina uma menor aptidão para a sublimação, derivada de sua relação com a angústia de castração. Freud chega mesmo a considerar as mulheres como essencialmente anticivilizatórias. Para destacar esses momentos de seu pensamento, vamos tomar algumas das obras conhecidas como seus textos culturais.

Antes, é importante ressaltar que neste trabalho não pretendemos problematizar aspectos propriamente sociológicos acerca da formação da cultura. Não se trata aqui de pensar os papéis sociais das mulheres ao longo da história. Dado que nosso trabalho se assenta em uma leitura nas entrelinhas, atravessamos alguns pontos da obra de Freud, tentando nos aproximar de suas ideias. Assim, compreendemos que o que Freud propõe nos seus textos culturais é a construção de uma mitologia acerca da formação da cultura e seu terreno é propriamente a psicanálise. Assim, ainda que se sirva de outros campos, como a sociologia, a antropologia, história ou filosofia, é em sua estreita relação com os processos psíquicos que Freud lança seu olhar sobre a formação cultural. Nossa leitura sobre quatro textos freudianos dará destaque à perspectiva freudiana acerca da mulher.

Em 1908, Freud escreve *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*, texto em que trata do conflito entre as demandas da pulsão e as da cultura, já apontando para uma suspeita entre o adoecimento neurótico como resposta às exigências da modernidade. Freud aponta que a produção da cultura assenta sobre a repressão das pulsões, em especial as sexuais (Freud, 1908/2024a). Neste texto já encontramos uma certa ambivalência acerca de

sua concepção sobre as mulheres. Freud ressalta que na “atual” moral sexual – refere-se, portanto, ao contexto do início do século XX – a única meta sexual autorizada, ou seja, a única atividade sexual admitida culturalmente, é aquela que se dá no âmbito do casamento e com objetivo reprodutivo. Neste ponto, Freud se posiciona à frente de seu tempo ao criticar e alertar que este preceito culmina em uma moral dupla, que atinge de formas diferentes homens e mulheres. Aos homens, as transgressões às indicações morais são muito mais toleradas. Para as mulheres, sobre as quais recai uma cobrança maior pela adesão às normas morais, tendo o casamento como provável destino, também este já não lhes aplacaria o sofrimento imposto pelas restrições culturais às pulsões. Freud denuncia que os preceitos sociais criados pela cultura são inviáveis e levam ao adoecimento.

Ao lado dessa crítica à dupla moral que penaliza de maneira mais severa as mulheres, Freud, todavia, reforça ideais que, como propusemos anteriormente, as enoda à maternidade ou à neurose. Assim, neste texto de 1908, já estão apresentados dois dos três caminhos possíveis para Freud no que se referente ao desenvolvimento sexual da menina. Para Freud, as mulheres seriam “as verdadeiras portadoras dos interesses sexuais dos seres humanos” (Freud, 1908/2024a, p. 82). Freud está pondo em destaque, portanto, a capacidade reprodutiva, apontando para a função sexual das mulheres. Neste sentido, ele reafirma que o filho, em especial o lactente, é suficiente como substituto provisório do objeto sexual. Além da maternidade, a neurose seria o outro refúgio à renúncia pulsional.

Para Freud, que toma a mulher a partir de sua função sexual, às mulheres foi concedido em menor grau o dom de sublimar, isto é, elas teriam menor capacidade de trocar uma meta originariamente sexual por outra, não mais sexual e, por esta razão, teriam menos a contribuir com formação da cultura (Freud, 1908/2024a). Essa característica, que de início nos remete a uma visão essencialista da mulher, seria resultante também das vicissitudes de seu processo edípico. É preciso sublinhar que o que o psicanalista está criticando neste texto

de 1908 é a severidade da repressão moral do sexual no contexto da modernidade, mas apresenta poucas críticas à maneira como essas restrições atingem as mulheres. Se, a pouca aptidão das mulheres à sublimação deriva de sua constituição psíquica, ao atribuir às mulheres uma “indubitável inferioridade intelectual” resultante da repressão sexual, Freud parece compreender esse alijamento das mulheres do campo da construção cultural como consequência inevitável do processo civilizatório (Freud, 1908/2024a, p. 82).

A perspectiva de Freud sobre o papel das mulheres na formação da cultura vai se tornando cada vez mais limitada. Se no texto de 1908, as mulheres parecem contribuir apenas enquanto mães, em 1913 na obra *Totem e Tabu*, as mulheres aparecem como objetos. Nesta obra, Freud forjou o que mais adiante vai chamar de “mito científico” da formação da cultura. Ele parte da premissa de que há uma relação entre a psicologia dos povos e aquela dos neuróticos. Assim, ele investiga as origens dos sentimentos ambivalentes das crianças com relação ao pai, sua dificuldade em afastar-se da mãe, ou seja, das fantasias incestuosas e assassinas que ouvia na clínica (Freud, 1913/2012). Recorrendo a estudos etnográficos, depara-se com a recorrência do horror ao incesto e a assunção do totemismo como forma de ordenamento.

Recorrendo à hipótese de Charles Darwin sobre a origem do estado social primevo do homem, Freud (1913/2012, p.132) constrói uma narrativa mítica sobre a horda primeva: haveria “um pai violento e ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos quando crescem. [...] Certo dia, os irmãos expulsos se juntaram, abateram e devoraram o pai, assim terminando com a horda primeva”. O assassinato é seguido pelo ato canibal como forma de identificação de cada um dos irmãos, que tentavam apropriar-se de parcela da força do pai. Posteriormente, porém, uma consciência de culpa se impôs e toda a proibição que se concentrava na figura paterna foi transferida para os filhos. Assim, os irmãos proibiram a si mesmos, vedando o assassinato do substituto do pai e privaram-se das mulheres então

liberadas. Freud aponta então que assim foram criados os dois tabus fundamentais do totemismo: a proibição ao parricídio e o tabu do incesto, que são os desejos reprimidos do complexo de Édipo.

Para Betty Fuks (2003, p. 18) “o exato valor conceitual do mito freudiano foi o de ter estabelecido a noção psicanalítica do pai como vetor de passagem do homem da natureza à cultura”. Se coube aos homens – ao pai e aos irmãos – a instituição da cultura, que papel coube às mulheres no mito psicanalítico de formação cultural? Freud (1913/2012, p.133-134) questiona qual a fundamentação prática da interdição do incesto após a morte do pai e aponta que “os irmãos haviam se aliado para vencer o pai, mas eram rivais uns dos outros no tocante às mulheres. Cada um desejava, como o pai, tê-las todas para si, e na luta de todos contra todos a nova organização sucumbiria”. Para Kehl (1996, p. 34) “a simbolização da lei na forma de interdição do incesto vem mostrar novamente que o sujeito de um compromisso ético é o sujeito de um desejo (recalcado) – o desejo pela mulher tabu”. Assim, ela responde à nossa questão, a mulher, no mito de constituição da cultura, não tem o lugar do sujeito. Coube às mulheres figurarem como objeto e como representantes de um constante risco ao ordenamento social.

Essa leitura acerca da mulher perdura no pensamento de Freud e é reforçada em *O mal-estar na cultura*, texto de 1930. Neste texto, Freud costura diversos conceitos psicanalíticos que foram sendo construídos ao longo de sua obra. O ponto de partida está na ideia de que há um mal-estar estrutural e constitutivo da experiência humana oriundo da renúncia pulsional exigida pelo processo de formação cultural (Freud, 1930/2024b). Sendo o princípio do prazer o que rege o funcionamento psíquico, e este não tem limites, é o processo de desenvolvimento da cultura que, com a imposição de restrições, permite a continuidade da vida. Parte dessas ideias já estavam delineadas em 1908, em *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*, mas a ênfase de Freud passou do conflito entre as pulsões sexuais e

as exigências morais impostas pelo desenvolvimento da cultura para uma perspectiva mais conciliadora no que se refere à sexualidade. Em 1930, ele passa a conceber a sexualidade não mais como contrária à civilização, mas a serviço dela.

Ao investigar quais influências deram origem ao desenvolvimento da cultura, Freud localiza no trabalho e na constituição da família o início da vida em comum dos seres humanos. É sua concepção acerca da formação da família primitiva que nos chama atenção. Para Freud (1930/2024b, p. 348), a formação dessa família deriva da necessidade de satisfação genital, “com isso, o macho ganhou um motivo para ficar com a *mulher* [ênfase nossa] ou, de modo mais geral, com os *objetos sexuais* [ênfase nossa] perto de si”. Já as fêmeas permanecem junto ao macho mais forte para não se separar dos filhotes e lhes garantir segurança. Esse apontamento de Freud remete àquilo que havia proposto em *Totem e Tabu*, e, novamente, as mulheres permanecem como objeto. Aqui enfatiza-se também a maternidade enquanto destino para elas.

Adiante em seu texto, Freud (1930/2024b) trata do amor como um fundamento da cultura em sua função de ligar os seres humanos uns aos outros. Retomando sua noção de constituição da família, ele aponta que o amor genital levaria à formação de novos núcleos familiares. Já o amor de meta inibida, ou seja, aquele que não diz respeito à satisfação sexual direta, amplia-se para uma comunidade maior. Todavia, em que pese a função ligadora do amor, no decurso do desenvolvimento cultural, ele passa a se opor à cultura. Esta, por sua vez, também lhe impõe restrições.

É neste ponto que encontramos mais uma leitura freudiana acerca do lugar da mulher na constituição da cultura: “as mulheres representam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho de cultura tornou-se cada vez mais assunto exclusivo dos homens, coloca-lhes tarefas cada vez mais difíceis, obriga-os a sublimações pulsionais, às quais as mulheres estão menos preparadas” (Freud, 1930/2024b, p. 354). Por um lado, Freud evoca as mulheres como

figuras que, “através das exigências de seu amor”, estabeleceram os fundamentos da cultura. Por outro, aponta que elas entram em conflito com essa mesma cultura por serem relegadas a um segundo plano, pois os homens retiraram parte de sua libido das tarefas de marido e de pai. Como propõe Freud, o “trabalho de cultura” não cabe às mulheres. Nos questionamos se não é exatamente contra este lugar secundarizado na cultura que as mulheres estariam, verdadeiramente, se opondo.

Birman (2017) também dá destaque a esta contradição na concepção freudiana sobre as contribuições da mulher para a cultura, que parte da indicação da importância das mulheres na obra civilizatória a partir da maternidade, mas que muda ao longo de sua obra. Neste texto de 1930, as mulheres passam a ser consideradas essencialmente anticivilizatórias. O autor traz, ainda, uma leitura que dialoga com o caminho que percorremos neste trabalho, ao localizar, nesta mudança, uma polaridade entre as vertentes da maternidade e do desejo. Como pode haver nas mulheres um querer que aponta para além da maternidade?

Para finalizar essa breve incursão nos textos culturais de Freud, recorreremos ao texto de 1932, intitulado *Sobre a conquista do fogo*. O texto, além de ter sido desenvolvido para fundamentar uma hipótese de Freud, cunhada em *O mal-estar na cultura*, também se alinhava ao caminho que estamos construindo aqui, por meio do recurso a uma história mitológica. Em 1930, Freud havia levantado a hipótese de que a conquista cultural do fogo seria a recompensa à renúncia pulsional: a atenuação da excitação sexual. A conquista do fogo seria fruto de um ato masculino, já que a conformação anatômica da mulher “lhe proíbe ceder a uma tentação de prazer como essa” (Freud, 1932/2024b, p. 338). Às mulheres caberia, assim, o papel de guardiãs domésticas dessa conquista. Este trecho já é bastante ilustrativo para os argumentos que estamos construindo aqui, mas vamos avançar um pouco mais na obra de Freud.

Em 1932, Freud (1932/2024c) recorre ao mito de Prometeu para embasar sua hipótese acerca da conquista do fogo. Assim, ele nos fornece uma interpretação analítica sobre essa história, de maneira semelhante àquela no texto dos cofrinhos. Acerca do mito de Prometeu, Freud concentra suas elaborações sobre três aspectos principais. O primeiro é a forma como Prometeu transporta o fogo: o bastão oco, como representante do pênis. Em sua transformação no contrário, Freud aponta que o que os homens carregam não é propriamente o fogo, mas o meio de apagá-lo, ou seja, a urina. O segundo aspecto é o caráter de sacrilégio do ato de Prometeu, que rouba o fogo de Zeus. Essa divindade enganada não é nada menos que o Isso, representante da vida pulsional desregrada. O último aspecto destacado por Freud diz respeito ao castigo imposto a Prometeu, que foi acorrentado para que um pássaro comesse, incessantemente, seu fígado, órgão representante das pulsões. O castigo representaria o rancor da humanidade frente à renúncia pulsional exigida exatamente pela conquista do fogo.

O que nos interessa é, novamente, o que foi omitido, mas insiste nas entrelinhas. Na *Teogonia* de Hesíodo (c. 700 a.C./2021), Prometeu e seu irmão, Epimeteu, são os responsáveis pela criação dos homens. E é em favor deles que Prometeu comete um primeiro atentado contra a autoridade divina, anterior ao roubo do fogo. Em um banquete, Prometeu favoreceu os homens, em detrimento de Zeus, na partilha da carne de um boi. Foi por esta razão que Zeus ocultou o fogo dos homens e foi para devolver a eles que Prometeu o rouba. O roubo do fogo resultou em dois castigos. Um é o acorrentamento de Prometeu para que a ave lhe comesse o fígado. E é aqui que a análise de Freud se encerra, deixando de fora, em sua apresentação, o outro castigo que, conforme Pedro Souza (2022b), na *Teogonia*, antecede aquele dirigido diretamente à Prometeu. O que se segue ao roubo do fogo é uma punição dirigida aos homens: a criação da primeira mulher. O “belo mal” é a contrapartida para o fogo enquanto “bem” cultural, conforme propõe Freud (Hesíodo, c. 700 a.C./2021, p. 65). Assim,

o que queremos destacar aqui é que o mito da fundação da cultura eleito por Freud não se encerra em Prometeu.

Na *Teogonia*, essa primeira figura feminina é pouco descrita. É em *O Trabalho e os Dias* que Hesíodo nos faz saber tratar-se de Pandora, “a que tem todos os dons”, e que dá origem a toda a linhagem de mulheres (Hesíodo, c. 700 a.C./2021, p. 68). Ela é popularmente conhecida por ser a responsável por abrir a caixa (no poema trata-se de um jarro) em que estavam contidos os males da humanidade. No poema de Hesíodo, esses males referem-se às doenças e ao trabalho como meio de sobrevivência para a humanidade. Neste sentido, Pandora é quem afasta a humanidade do modo de vida dos deuses. Assim, o mito da formação cultural, é o mito de Prometeu e Pandora.

Sobre a ausência de Pandora no texto de Freud de 1932, Sousa (2022b, p. 27) afirma que

na interpretação freudiana, a primeira mulher simplesmente inexiste. Está obliterada, apagada; em suma: negada. Tudo é questão de homens e falos, e tudo o que remete à mulher, inclusive o próprio espanto diante do feminino, é eliminado. *A mulher* é entrevista, *ela está lá, nas entrelinhas* [ênfase nossa] da castração, mas toda a sua centralidade mitológica é simplesmente excluída da narrativa e da leitura freudiana.

Ao acompanharmos os textos culturais de Freud, aos quais recorremos aqui, observamos que a ausência de referência à primeira mulher, que se observa em sua leitura do mito em *A conquista do fogo*, representa, de certa forma, a culminância de um processo de apagamento das contribuições das mulheres para a constituição da cultura. Retomamos então a frase de Freud que abre este capítulo. É possível interpretá-la, também, como uma forma de secundarização das contribuições das mulheres à cultura. Porém, Freud pode ter dito mais do que sabe sobre as mulheres. Se trançar e tecer estão entre as *poucas* contribuições das mulheres para a formação da cultura é porque elas insistem e resistem nas entrelinhas.

3.2 O Tecer da Feminilidade ou Texto é Tecido

É a partir das entrelinhas que as mulheres se apresentam como furo na totalidade da teoria e permanecem como enigma, que se desfazem dos nós que as limitam, que tecem também a trama da cultura, que recontam a história e as estórias e, ainda, que tecem a si mesmas. Tomar o “tecer” como significante nos permite transitar pela sua polissemia, brincar com a homofonia e daí extraír outros significados. Tecer o tecido – de um véu que recobre os genitais? Tecer a trama – da cultura? Tecer comentários. Da tecelagem, ligada às artes têxteis à tessitura, atrelada também ao campo artístico musical. O tecer nos remete aqui a uma criação.

Ana Costa (2015) comenta que Freud, ao comparar os sonhos e as produções no âmbito das artes plásticas, apontava para a limitação de sua capacidade expressiva por não se servir diretamente da palavra. No entanto, ela lembra que a “*poiesis* pode fazer parte de diferentes expressões” (p. 29). Se tomássemos a interpretação inicial freudiana a esse respeito, diríamos que as artes têxteis, em especial sua construção através de mãos femininas, conciliam algo das artes plásticas à palavra. Assim, aqui partimos da intuição de que o tecer, significante utilizado por Freud justamente no texto sobre a feminilidade, permitiu o movimento de criação, não só de um objeto, mas das mulheres enquanto sujeitos.

As tessituras tiveram seu estatuto social modificado ao longo da história. De trabalho essencialmente doméstico, em que se fabricava tecidos para prover as necessidades da família, até a industrialização, as tessituras eram realizadas essencialmente por mulheres. Virginia Postrel (2020), em seu livro *O tecido da civilização - Como os têxteis fizeram o mundo*⁹, aponta que a importância da fiação era tamanha e sua ligação com as mulheres, tão íntima, que atravessou séculos, perpassou territórios e se fez presente em diversas culturas. Na China, durante a dinastia Song (século X), a tessitura era responsabilidade das mulheres da família como forma de pagamento de tributos ao governo; entre os séculos XIV e XV, na

⁹ Tradução livre do título “The Fabric of Civilization - How textiles made the world”.

civilização asteca, as meninas eram introduzidas às ferramentas de fiação desde os quatro anos de idade para que desenvolvessem suas habilidades; na Inglaterra, durante o século XVIII, mais de um milhão de mulheres trabalhavam como fandeiras, geralmente em casa (Postrel, 2020).

A autora vai mais longe. Ao investigar as origens das tessituras, ela aponta que o tecer se constitui em muito mais do que um ofício. Para Postrel (2020), tamanha é a importância e centralidade de tudo relacionado ao têxtil, que a Idade da Pedra poderia ser chamada de Idade do Barbante já que as primeiras ferramentas, tais como lanças e machados, eram também construídas com fios e fibras que atavam as lâminas aos seus cabos. Assim, o que ela indica é que as atividades de fiar e de tecer são marcadores fundamentais do desenvolvimento da civilização. O tecer, que ao longo da história foi realizado predominantemente por mãos femininas, está, portanto, longe de ser uma contribuição de menor importância para a formação da cultura.

Se, assim como Freud, formos buscar na mitologia indícios que possam nos indicar algo sobre o tecer, vamos observar que essa atividade é colocada quase como representação da sabedoria, de uma certa astúcia... feminina. Métis, que personificava a prudência e astúcia e que legou às mulheres a tecelagem como arte feminina, fora engolida por Zeus para que seus filhos não o destronassem e, de dentro de seu ventre, o ajudava a distinguir o bem e o mal; Atena, filha de Mètis, cuja origem do nome remete à sabedoria, presidia as artes, a literatura, a tecelagem e o bordado; Aracne, em uma das versões de sua história foi discípula de Atena, ao tentar se matar acabou sendo transformada em aranha, mantendo-se como uma habilidosa tecelã para os deuses; Filomena, que após ter sua língua cortada, conseguiu denunciar por meio da tapeçaria as violências que sofria; Ariadne, que utilizou um novelo de lã para ajudar Teseu a vencer o Minotauro e as próprias Moiras, citadas no texto de Freud de 1913, que são as fandeiras dos destinos (Hesíodo, c. 700 a.C./2021). As figuras mitológicas

ligadas ao tecer mudaram os rumos das histórias. Para Lara Manesco (2017), no âmbito da mitologia, foi a tessitura que libertou a mulher grega do silêncio. Se deveriam retirar-se para cômodos privados para fiar, marcando sua ausência dos espaços em que os discursos circulavam, elas teciam e criavam, assim, a possibilidade de narrar.

A partir de sua dimensão histórica, de constituição da cultura e, ainda, daquilo que a mitologia nos aponta, compreendemos que tecer também se constitui como um trabalho com a palavra. Ana Maria Machado, escritora brasileira com vasta produção no campo da literatura infanto-juvenil, aponta os enlaces entre o tecer, fiar e bordar e a palavra para além da etimologia do termo. Ela nos lembra que na língua portuguesa, quando tratamos de narrativa, utilizamos palavras como trama, enredo, utilizamos as expressões “para não perder o fio da meada” e “quem conta um conto aumenta um ponto” (Machado, 2003). Podemos acrescentar também a expressão “conversa fiada” ou a ideia de “tricotar” como metáfora para conversa.

Retomando brevemente a história da tecelagem, Machado (2003) destaca que quando essa atividade saiu dos espaços domésticos, em razão da demanda por excedente de produção, foi reforçada a formação e ampliação de comunidades femininas. Assim, as mulheres “passavam o dia reunidas, tecendo juntas, separadas dos homens, contando histórias, propondo adivinhas, brincando com a linguagem, narrando e explorando as palavras” (p. 181). Esses espaços, essencialmente femininos, associavam o que a autora considera os principais marcos da cultura e da civilização: os têxteis e o texto. Como propõe Manesco (2017, p. 42), “a tecelã será criadora e tecer será uma resistência simbólica ao silêncio imposto à mulher em uma sociedade patriarcal”. Se as mulheres resistem nas entrelinhas, por outro lado, seu silenciamento se faz bastante evidente.

Comparando duas versões do conto que conhecemos hoje como *Rumpelstiltskin*, uma escrita por Mademoiselle L'Heritier, em 1808 e a outra consolidada pelos irmãos Grimm, em

1857, Machado (2003) observa mudanças significativas, especialmente sobre a tecelã do conto e o estatuto dado à fiação. Na primeira versão, a tecelã tinha, de fato, a habilidade de transformar palha em ouro e isso era o motivo de seu desespero, pois o que almejava era criar tecidos (podemos pensar, textos) a partir de seu trabalho. Na versão dos irmãos Grimm, saber tecer já não tem nenhum valor, se o que se produz é apenas tecido e não ouro. Ou seja, se o que a mulher produz não pode ser expropriado e transformado em riqueza, tecer soa como uma ameaça. Assim, aquilo que a mulher é capaz de criar tecendo é, ao mesmo tempo, desvalorizado e perigoso sob a ótica dos homens e por isso deve ser denegado ou eliminado. E é essa a ameaça que o rei faz à tecelã. E é isso também que a história nos mostra. Como a autora aponta, o têxtil teve livre circulação no mundo, enquanto o texto das mulheres sofreu e sofre todas as tentativas de silenciamento.

Como mencionamos anteriormente, apesar de todo esse processo de silenciamento da mulher e sua tomada como objeto – de troca na horda, de exploração no capitalismo, de estudo na ciência – ela permaneceu tecendo sua própria história. Se nos remetemos brevemente ao contexto de surgimento da psicanálise, vamos nos deparar novamente com a aposta, com a insistência na palavra por parte das mulheres. Kehl (2016), ao investigar a constituição da feminilidade no século XIX para delinear um panorama sobre quem eram as histéricas que chegaram ao consultório do Freud, associa as criações artísticas, especialmente as literárias, como meio de expressão das mulheres. Elas viviam, então, um conflito entre uma certa concepção de feminilidade, reduzida ao matrimônio e à maternidade, e suas outras aspirações, seus outros quereres. Assim, a produção literária feminina, que se ampliava na época, seria uma tentativa de inscrever a feminilidade na cultura a partir de novos contornos, tecidos pelas próprias mulheres.

É reconhecendo a importância de tomar as mulheres enquanto sujeitos de suas narrativas, que outras mulheres se propuseram a ler e recontar algumas histórias. De várias

histórias que poderiam ser recontadas, elegemos a figura de Penélope, do poema *Odisseia* de Homero. Poderíamos falar da importância dessa obra, de Odisseu, da guerra de Tróia, mas essa história já foi contada. Nossa protagonista aqui é outra. Conhecemos pouco de Penélope e, comumente, ela é tratada de maneira secundária. Tradicionalmente sua história não comporta grandes aventuras e feitos. Ela é retratada como a esposa fiel de Odisseu, que aguarda por *anos a fio* o retorno do marido. Sem saber se o marido estava vivo ou morto, recebe a ordem de que deve se casar novamente. Como não deseja esse novo matrimônio, Penélope elabora uma estratégia e diz que se escolherá um pretendente assim que finalizar a tecelagem de uma mortalha para seu sogro e, então, Penélope tece de dia e desmacha seu trabalho à noite.

A história é outra quando contada sob a perspectiva feminina. A autora Margaret Atwood (2020) reconta essa história em *A Odisséia de Penélope*. Na obra, é a própria Penélope quem conta sua história, em que se intercalam suas reflexões com os cantos de um coro que dá voz, também, a outras mulheres: as doze escravas. Nesta narrativa, Penélope nos fornece sua perspectiva sobre o suposto caráter heroico de Odisseu e questiona a fidelidade *dele*. Ela reconta parte de suas aventuras e aponta que há uma supervalorização, um certo exagero na forma como contam os feitos de seu esposo. Faz com Odisseu o que se faz com as mulheres na história: diminui seus feitos, duvida de sua história e questiona seu caráter.

E é exatamente a partir do questionamento acerca do lugar no qual ela foi colocada na história tradicionalmente contada, que essa Penélope contemporânea dá início a sua própria versão:

e o que me restou quando a versão oficial se consolidou? Ser uma lenda edificante. Um chicote para fustigar outras mulheres. [...] Por que não podem todas ser tão circunspectas, confiáveis e sofredoras como eu? Era essa a abordagem que adotavam

os cantores, os rapsodos. *Não sigam meu exemplo* [ênfase nossa], sinto vontade de gritar nos ouvidos de vocês – sim, nos de vocês! (Atwood, 2020, p. 8-9)

Felizmente, muitas autoras não seguiram esse exemplo, não se contentaram com um texto consolidado e foram infiéis a ele, propondo também outras leituras sobre Penélope.

A história de Penélope, apesar de ficar em segundo plano no texto tradicional, é a história de uma mulher que está em uma posição de escolha. Segundo Machado (2003), essa é uma das primeiras ocorrências de uma situação assim na literatura antiga. Desde o casamento com Odisseu, às negativas a outros pretendentes, foram decisões que couberam a ela. Apesar das imposições sociais que a rondavam, seu destino não foi determinado nem pelos deuses nem pelos homens. Sob esta perspectiva, o trabalho de Penélope de tecer e desmanchar seu tecido é interpretado tanto como uma maneira de experimentar possibilidades e hipóteses quanto como uma metáfora para suas habilidades com as palavras. Penélope testa Ulisses, hábil com as palavras, testa os seus pretendentes, “a todas essas narrativas Penélope teve que resistir, acostumando-se a testar-lhes as entrelinhas” (Machado, 2003, p. 189). É a partir do tecer que Penélope mantém-se fiel a si mesma, àquilo que quer.

Para Bianca Moreira e Gesianni Gonçalves (2023), a tessitura de Penélope aponta para uma insistência da personagem em delinejar novos caminhos alternativos aos destinos do matrimônio e da maternidade. Ela, que casou-se com Odisseu por escolha e com quem teve um filho, Telêmaco, quer também contar outras histórias. Neste sentido, as autoras articulam a história de Penélope aos apontamentos freudianos acerca da feminilidade. Para elas,

Penélope promove um (des)encontro com Freud, uma vez que, em conjunto com o psicanalista, ela perpassa os caminhos que a elegem como esposa e mãe. Mas, ao mesmo tempo, escancara o que não é dito pelo escritor: o que resta quando não se tem nem o casamento e nem a maternidade? A rainha então demonstra a possibilidade de

operar no resto e nos pontos de amarração onde a lei fálica não reina totalmente.

(Moreira & Gonçalves, 2023, p. 29)

Em nossos termos, Penélope opera nas entrelinhas. Lembramos aqui que, quando Odisseu retorna, o desejo de Penélope é contar a sua própria história para ele. Essa personagem nos aponta novamente que aquilo que chamamos anteriormente nó mãe-mulher não dá conta de todos os quereres das mulheres. Tecer lhe conferiu a possibilidade de construir a si mesma para além do nó.

Penélope inspira. Ainda no campo da literatura, encontramos traços de Penélope no conto *A moça tecelã*, conto de autoria da escritora ítalo-brasileira, Marina Colasanti. A obra narra a história de uma moça que vive sozinha com um artefato mágico: seu tear. Tecendo, criava tudo o que precisava, seu alimento, sua casa, o dia e a noite. Até que um dia, sentindo-se sozinha, resolveu tecer um marido com quem imaginava, um dia, tecer também seus filhos. Porém, ele só se mostrou interessado em explorar aquele fazer mágico da moça tecelã que, ao atender os desejos do marido, “tecia e entrustecia” (Colasanti, 2020, p. 9). Ao se dar conta do poder que estava em suas mãos, de criar sua história, um dia, a tecelã resolveu segurar sua lançadeira ao contrário e desteceu o marido. Vivendo novamente sozinha e feliz, a moça pôde criar tudo o que desejava, mas, acima de tudo, “tecer era tudo o que fazia. Tecer era tudo o que queria fazer” (Colasanti, 2020, p. 7).

Recuperar, ainda que de maneira breve, a história das tessituras nos permite, agora, fazer uma nova leitura da frase freudiana que abriu este capítulo. O tecer se mostrou sim intimamente ligado às mulheres, mas aqui compreendemos que se trata muito mais que uma técnica, como propôs Freud. A esse propósito, indicamos aqui que há uma velha controvérsia que diz respeito à classificação das atividades ligadas ao têxtil. A tecelura, enquanto processo de criação de um objeto, seria uma forma de arte, ou seja, se constituiria como uma forma de expressão que exige abstração e pensamento, ou deveria ser considerada como

artesanato, portanto, menos valorizada por supostamente privilegiar o aspecto técnico do trabalho em si em detrimento da concepção intelectual? Wallace Rodrigues (2012) comprehende esse pensamento como uma falsa dicotomia e aponta que o artesanato é tão dependente da ideia, quanto a arte é do trabalho. Aqui propomos uma junção dessas ideias. Entre arte, técnica e ofício, que compõem o terreno da discussão histórica sobre a tecelagem, e a astúcia, como característica mitológica e literária, o tecer é, para nós, um *artifício* feminino.

O caráter mágico do tear da moça tecelã é esse artifício encarnado nas mulheres: não se trata apenas da capacidade de criar suas realidades, mas, sobretudo, de tecer a si mesma em um movimento penelopeano de fazer-se e desfazer-se – um gesto que só os poetas, como previu Freud, podem bordejar.

Aqui estamos no enlace entre a psicanálise e a literatura. Voltemos brevemente à ciência.

3.3 Feminilidade como Fio Solto

A aposta que fizemos neste trabalho é que, ao percorrer a trama freudiana acerca da feminilidade, poderíamos, não só acompanhar o pensamento de Freud, mas também pinçar um fio solto a partir do qual poderíamos tecer outro destino para a feminilidade para além daquele que ele mesmo apontou e que chamamos aqui de nó mulher-mãe. Apostamos em uma leitura nas entrelinhas e buscamos construir um outro texto sobre as mulheres e sobre a feminilidade. Freud apostou na clínica, sempre apostou na clínica. Fundou a psicanálise e sedimentou sua teoria a partir do que ouvia de seus pacientes. E é justamente a partir de um texto, que trata da clínica, que podemos extrair uma outra concepção acerca da feminilidade.

No texto *A análise finita e a infinita*, Freud (1937/2017a) busca responder a questionamentos sobre a duração do tratamento psicanalítico e se uma análise chega ao fim.

São questões sobre a clínica e sobre o tempo. De antemão, ele afirma que a terapia psicanalítica é um trabalho de longo prazo. Para dar continuidade aos seus argumentos, Freud retoma seu percurso como analista e a história de alguns de seus casos clínicos. Situa o contexto social em que surgiram as propostas por tratamentos abreviados, as vantagens e riscos em se definir um prazo para o término de uma análise, aponta que a conclusão de uma análise é mais provável quando a origem etiológica reside em traumas precoces do que quando relaciona-se a fatores constitucionais.

O tema da feminilidade, em 1937, é trazido nas últimas linhas deste escrito. Está na última sessão do texto, em pouco menos de quatro páginas. Freud (1937/2017a) aponta que, no processo de análise, dois temas se destacam pela recorrência e pela sua difícil resolução no trabalho analítico: a inveja do pênis, por parte das mulheres, e a aversão à postura feminina, por parte dos homens. O que há de comum entre esses dois temas é que tratam de comportamentos diante da castração. Assim, Freud passa a denominar essa “parte tão curiosa da vida psíquica humana” como recusa da feminilidade (p. 258). Sob essa perspectiva, a feminilidade não estaria mais conectada ao desenvolvimento feminino, mas sim apontaria para um registro originário do psiquismo humano, presente tanto nas mulheres quanto nos homens.

Lembramos que até 1933, “a ascensão da mulher coincidia com o acesso à feminilidade”, isto é, tendo operado a troca de zona erógena e de objeto e culminando na saída edípica ideal – ligada ainda ao desejo do pênis, na figura do homem que o detém e do filho (Demes, Chatelard & Celes, 2011, p. 654). Esse raciocínio gira em torno da primazia fálica. Para Cláudia Carneiro e Eliana Lazzarini (2016), o que Freud postula neste texto de 1937 já vinha sendo construído, pois quando Freud deu ênfase à importância da fase pré-edípica na menina, em alguma medida, apontou para um descolamento da feminilidade do registro do falo e do império do Édipo. Assim, o que Freud denomina como recusa,

Birman (2017) localiza na dimensão de um terror, pois a feminilidade diria respeito a um vazio, a uma ausência. Seria um registro psíquico outro, originário, não todo regulado pelo falo.

Freud (1937/2017a, p. 361) finaliza seu texto de 1937 indicando que o trabalho analítico deve oferecer ao sujeito “todo estímulo possível que ele pudesse reexaminar e mudar sua postura” em relação ao enigma da sexualidade. Em nossa interpretação, Freud parece vislumbrar um outro destino, uma outra saída frente à fala implacável da Moira que diz “até aqui e não mais além” (Robles, 2019, p. 99). A positivação da feminilidade residiria, portanto, algo da ordem da aceitação da castração. Neste sentido, Angela de Almeida (2012) aponta que nesse reencontro, operado pela castração, com a feminilidade que nos constitui, o sujeito enfrenta, por um lado “a uma experiência de angústia, face à sua fragilidade e incompletude, de outro lhe abre novas possibilidades sublimatórias” (Almeida, 2012, p. 38). É a feminilidade que fornece um fio solto na trama da constituição do sujeito e o convoca a uma criação singular.

E não foi exatamente isso que fizeram Pórcia, Penélope e A moça tecelã? Não é essa também a essência do trabalho de análise: escrever um outro texto?

Considerações Finais

Iniciamos este trabalho como se inicia um bordado, apresentando o risco que iríamos seguir (e assumir): atravessar a teoria freudiana, apostando na possibilidade de encontrar, nas entrelinhas de sua trama conceitual, novos caminhos para a feminilidade para além da maternidade. Poderíamos tentar também finalizar este trabalho como fazem as bordadeiras no acabamento de suas obras: cortando os fios soltos para que não sejam puxados e se revelem como furos no bordado, alinhavando as sobras de tecido e as escondendo no avesso para que não sejam vistas. Mas aqui nossa perspectiva é outra.

Quando nos propusemos a realizar uma leitura nas entrelinhas da obra freudiana, e de outros textos, é porque acreditamos na riqueza dos fios soltos e nas brechas que compõem a trama do texto. É a partir dos furos que podemos criar. E aqui desejamos assumir os nossos, sabendo que, algumas vezes, eles nos parecem evidentes, especialmente quando nos instigam a escrever um outro texto. Mas outras vezes dependem de um outro olhar, de um outro leitor atento às entrelinhas. Assim, aqui propomos o termo “inacabamentos”.

Nos três capítulos que compõem este trabalho, seguimos linhas ligeiramente diferentes, mas com um mesmo fio condutor. Iniciamos pela busca de uma palavra e nos deparamos com um emaranhado delas: mulher, histeria, feminilidade, sexualidade feminina, feminino. Agora, podemos tomar a imprecisão no uso desses termos como um signo próprio da feminilidade, que se faz e se desfaz, exigindo da teoria constantes retomadas. Seguimos Freud e elegemos a palavra feminilidade e, junto à sua obra, também ruminamos sobre esse enigma. Buscamos destacar, em alguns textos da obra freudiana, os momentos em que as singularidades do desenvolvimento da menina à mulher se impuseram, exigindo a tessitura de uma linha de elaboração teórica para *elas*. Seguindo esta linha, observamos que no enredo freudiano, a feminilidade atou a mulher à mãe.

Sabemos que, ao optar por seguir o trilhamento freudiano, acabamos por deixar de fora do nosso escopo contribuições fundamentais e carentes para a psicanálise. Ainda que no nosso percurso tenhamos tratado da feminilidade, sabemos que esse tema, especialmente na teoria lacaniana, ganhou novos contornos. O feminino, o gozo Outro, o registro do não-todo fálico. Ainda que não tenhamos alcançado essas contribuições, em alguma medida, elas aparecem em um horizonte próximo.

O segundo e o terceiro capítulos dialogam, de formas diferentes, com os campos da mitologia e da literatura. Se, como diz o ditado popular, quem conta um conto aumenta um ponto, no segundo capítulo, tentamos estender nas entrelinhas do texto freudiano *O motivo da escolha dos cofrinhos*, a presença e as narrativas de Pórcia e Cordélia, personagens de Shakespeare. Da diáde escolha e destino que, conforme Freud argumenta, leva inevitavelmente à morte, propusemos o tensionamento entre destino e a potência do querer e da inventividade. Tentamos, assim, alinhavar um outro lugar para a feminilidade para além da construção mulher-mãe-morte. Apontamos o fio do querer como aquele que pode ter faltado à Freud em suas elaborações sobre a feminilidade.

Uma das tarefas mais difíceis na elaboração de um texto é fazer os recortes. Seguimos os moldes propostos por Freud e nos debruçamos apenas sobre duas peças de Shakespeare. A que caminhos outras tramas e personagens poderiam nos levar? É preciso dizer também que o texto dos cofrinhos parece anunciar o que seria elaborado mais adiante em sua segunda teoria pulsional. E parece ser a isso que a noção de desejo apresentada por Freud está conectada. Esta é uma outra linha a seguir.

No último capítulo deste trabalho, tentamos contrapor às construções freudianas, que secundarizam as contribuições das mulheres na trama da cultura, apontando que as mulheres resistem nas entrelinhas. Assim, apresentamos o tecer como um trabalho com a palavra, um artifício feminino. Buscando uma protagonista para o nosso enredo, recorremos à mestra

desse artifício: Penélope. Assim como ela desfaz à noite aquilo que teceu durante o dia, apontamos a feminilidade como um constante fazer-se e desfazer-se. Para nós, é isso que Freud nos diz nas entrelinhas do texto de 1937.

Se sugerimos aqui o termo “inacabamentos”, não é só por compreender que deixamos fios soltos e furos para trás, mas também, e principalmente, porque acreditamos que o processo de escrita não tem fim. Esse texto também é feito e desfeito a cada leitura. Até que novas costuras sejam feitas, arrematamos temporariamente este trabalho com Roland Barthes (2015, p. 74):

Texto quer dizer Tecido; mas, enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu todo acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido – nesta textura – o sujeito se desfaz nele [ênfase nossa], qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia.

Referências Bibliográficas

Almeida, A. M. M. (2012). Feminilidade - caminho de subjetivação. *Estudos de Psicanálise*, 31, 39-44.

André, S. (2003). *O que quer uma mulher?* Jorge Zahar.

Assoun, P-L. (1993). *Freud e a Mulher*. Jorge Zahar.

Atwood, M. (2020). *A odisseia de Penélope*. (C. Nogueira trad.). Rocco Digital.

Azevedo, A. V. de. (2004). *Mito e psicanálise (Psicanálise Passo a Passo - 36)*. Zahar.

Barros, R. do R. (2012). Da diferença sexual à diferença feminina. *Opção Lacaniana Online*, 3(9), 1-24.

Barthes, R. (2013). *O prazer do texto*. Perspectiva.

Beividas, W. (2009). Excesso de transferência na pesquisa em psicanálise. In W. Beividas, *Inconsciente e sentido: Ensaios de interface entre Psicanálise, Linguística e Semiótica* (pp. 179-201). Annablume.

Berto, C. S. & Campos, E. B. V. (2022). O feminino na psicanálise contemporânea: uma revisão sistemática da literatura nacional. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, 43(1), 139-154.

Birman, J. (2017). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetividade em psicanálise*. Civilização Brasileira.

Bloom, H. (2000). *Shakespeare: a invenção do humano*. (J. R. O'Shea, Trad.). Objetiva.

Carneiro, C. A. & Lazzarini, E. R. (2016). Origens e destinos da feminilidade em Freud na contemporaneidade. *Revista de Estudos Psicanalíticos*, 32(2), 203-215.

Chaves, E. (2017). O paradigma estético de Freud. In E. Chaves (Trad.), *Arte, literatura e os artistas* (pp. 7-39). Autêntica.

Chaves, E. (2024). Perder-se em algo que parece plano. In E. Chaves & P. H. Tavares

(Trads.), *O Infamiliar [Das Unheimliche]* (pp. 153-172). Autêntica.

Colasanti, M. (2020). *A moça tecelã*. Global.

Costa, A. (2015). Letra e borda dos discursos. In A. Costa, *Litorais da psicanálise* (pp.19-42). Escuta.

Costa, D. S., & Lang, C. E. (2016). Histeria ainda hoje, por quê?. *Psicologia USP*, 27(1), 115–124. <https://doi.org/10.1590/0103-656420140039>

Demes, J. R., Chatelard, D. S., & Celes, Luiz Augusto M. (2011). O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(2), 645-667.

Dunker, C. (2015, setembro). *Freud e Shakespeare: Rei Lear, por Christian Dunker* [Vídeo]. YouTube: <https://youtu.be/fwWsrI3QYlw?si=rohBy6u3slRaAbEf>

Elia, L. (2023). *A ciência da psicanálise: metodologia e princípios*. Edições 70.

Fuks, B. (2003). *Freud e a cultura (Psicanálise Passo a Passo - 19)* Zahar.

Jones, E. (1970). *Vida y obra de Sigmund Freud (Versión abreviada, Tomo II)* (M. Carlisky & J. Cano Tembleq, Trads.). Editorial Anagrama. (Obra original publicada em 1955)

Figueiredo, L. C. & Minerbo, M. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257–278.

Fiorini, Leticia Glocer. (2009). As mulheres no contexto e no texto freudianos. *Jornal de Psicanálise*, 42(76), 121-135.

Freud, S. (1996). Nota do editor inglês em O tema dos três escrínios. In J. Strachey (Trad.). *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XII: O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Imago. (Obra original publicada em 1913)

Freud, S. (2010) Deve-se ensinar a Psicanálise nas universidades? In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas, volume 14: História de uma neurose infantil (“O Homem dos*

Lobos”), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920) (pp. 377-381).

Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1919)

Freud, S. (2011). Resumo da Psicanálise. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas, volume 16: O Eu e o Id, “Autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (pp. 222-251). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1924)

Freud, S. (2012). Totem e Tabu. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas, volume 11: Totem e Tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (pp. 7-167). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913)

Freud, S. (2015a). O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 - 1909)* (pp. 13-118). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1907)

Freud, S. (2015b). Posfácio à segunda edição - O delírio e os sonhos na *Gradiva* de W. Jensen. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906 - 1909)* (pp. 119-122). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1912)

Freud, S. (2016a). Estudos sobre a histeria. In L. Barreto (Trad.), *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893 - 1895)*. Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1895).

Freud, S. (2016b). Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”, 1905[1901]). In P. C. de Sousa (Trad.), *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)* (pp. 173 - 320). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)

Freud, S. (2016c). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In P. C. de Souza (Trad.), *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905)* (pp. 13-172). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1905)

Freud, S. (2017a). A análise finita e a infinita. In C. Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 315-364). Autêntica. (Obra original publicada em 1937)

Freud, S. (2017b). A interpretação dos sonhos. In R. Zwick (Trad.) *A interpretação dos sonhos*. L&PM. (Obra original publicada em 1900)

Freud, S. (2017c). A questão da análise leiga. Conversas com uma pessoa imparcial. In C. Dornbusch (Trad.), *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 205-314). Autêntica. (Obra original publicada em 1926)

Freud, S. (2017d). O motivo da escolha dos cofrinhos. In E. Chaves (Trad.), *Arte, literatura e os artistas* (pp. 167-182). Autêntica. (Obra original publicada em 1913)

Freud, S. (2017e). O poeta e o fantasiar. In E. Chaves (Trad.), *Arte, literatura e os artistas* (pp. 53-66). Autêntica. (Obra original publicada em 1908)

Freud, S. (2019a). A feminilidade (Conferência XXXIII). In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 313-345). Autêntica. (Obra original publicada em 1933)

Freud, S. (2019b). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 313-345). Autêntica. (Obra original publicada em 1925)

Freud, S. (2019c). O declínio do complexo de Édipo. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 313-345). Autêntica. (Obra original publicada em 1924)

Freud, S. (2019d). Organização genital infantil. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 313-345). Autêntica. (Obra original publicada em 1923)

Freud, S. (2019e). Sobre a sexualidade feminina. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 313-345). Autêntica. (Obra original publicada em 1931)

Freud, S. (2024a). A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna. In M. R. S. Moraes (Trad.), *O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 65-98). Autêntica. (Obra original publicada em 1908)

Freud, S. (2024b). O mal-estar na cultura. In M. R. S. Moraes (Trad.), *O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305-410). Autêntica. (Obra original publicada em 1930)

Freud, S. (2024c). Sobre a conquista do fogo. In M. R. S. Moraes (Trad.), *O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 411-420). Autêntica. (Obra original publicada em 1932)

Freud, S. (2025). Projeto de uma Psicologia Freud, Sigmund. In P. C. de Souza e A. Carone (Trads.). *Obras completas, volume 1: Textos pré-psicanalíticos (1886-1896)* (pp.202-322). Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1895)

Gregório, G. D. S. & Amparo, D. M. (2022). A pesquisa Psicanalítica na Universidade: Estratégias Metodológicas de Investigação. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 38. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38414.pt>

Gutman, G. (2008). Freud, Lear & Bloom: algumas notas sobre leitura e psicanálise. *Alea: Estudos Neolatinos*, 10(1), 108–120. <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100008>

Hesíodo. (2021). *Teogonia: Trabalhos e Dias*. (S. M. de Regino, Trad.). Martin Claret. (Obra original publicada em c. 700 a.C.)

Iribarry, I. N. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 6(1), 115–138. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982003000100007>

Kaufmann, P. (1996). *Dicionário encyclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan* (V. Ribeiro, M. L. X. de A. Borges, Trads.). Jorge Zahar.

Kehl, M. R. (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Imago.

Kehl, M. R. (2001). “Minha vida daria um Romance”. In Bartucchi, G. (Org.), *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação* (pp. 57-89). Imago.

Kehl, M. R. (2016). *Deslocamentos do feminino: A mulher freudiana na passagem para a modernidade* (2^a ed.). Boitempo Editorial.

Kehl, M. R. (2017). Freud e as mulheres. In M. R. S. Moraes (Trad.), *Amor, sexualidade, feminilidade* (pp. 353-368). Autêntica.

Laplanche, J. & Pontalis, J. B. (1991). *Vocabulário de psicanálise* (P. Tamen, Trad.). Martins Fontes.

Machado, A. M. (2003). O Tao da teia: sobre textos e têxteis. *Estudos Avançados*, 17(49), 173–196. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142003000300011>

Manesco, L. (2017). *Para além de Penélope: a tessitura mítica e intertextual em contos da literatura brasileira*. [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca Digital de Teses de Dissertações da USP. <https://doi.org/10.11606/D.8.2018.tde-08052018-101003>

Martins, K. P. H, & Oliveira, D. P. (2010). Fantasia e a transferência: articulações a partir do texto Gradiva de Jenseña. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 62(3), 59-67.

Maurano, D. (2023). *Reviramentos do feminino e seus mistérios gozosos*. Aller.

Maurano, D., & Souza, J. (2023). *A saga do feminino na mulher: a misoginia à luz da psicanálise*. 7Letras.

Mendes, L. P. (2005). Psicanálise e literatura: dois saberes solidários. In *Anais do II Congresso de Letras da UERJ São Gonçalo*. Botelho Editora.

Mrech, L. M. (2018). A escrita em Freud e Lacan. In Tania Ferreira & Angela Vorcaro (Orgs.). *Pesquisa e Psicanálise: do campo à escrita*, pp.172-194, Autêntica.

Moreira, B. C. G. & Gonçalves, G. A. (2023). Nas tessituras do resto e da solidão: Penélope e o feminino. *Humanidades & Inovação*, 10(4), 23-39.

Nunes, C. H. P. (1996). Shakespeare na formação cultural de Freud. In M. Perestrello (Org.), *A formação cultural de Freud* (pp.174-189). Imago.

Nunes, S. A. (2011). Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar. *Psicologia Clínica*, 23(2), 101–115. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652011000200007>

Pereira, L. F. & Rosenfield, K. H. (2020). Introdução. In *Rei Lear* (L. Pereira Trad.) Companhia das Letras.

Pereirinha, F. (2016). *Passagens: da literatura à psicanálise via direito*. Empório do Direito.

Prates, A. L. (2019). *Feminilidade e experiência psicanalítica*. 3^a ed. Larvatus Prodeo.

Pontalis, J. B. & Mango, E. G. (2014). *Freud com os escritores* (A. Telles, Trad.). Três Estrelas.

Poli, M. C. (2007). *Feminino/Masculino: A diferença sexual em psicanálise* (PAP - Psicanálise). Zahar.

Postrel, V. (2020). *The fabric of civilization: How textiles made the world*. Basic Books.

Rocha, B. C. C. (2022). *O feminino e a mulher na psicanálise: Construções históricas e epistemológicas* [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da Universidade de Brasília.

Rocha, Z. (2002). Feminilidade e castração: seus impasses no discurso freudiano sobre a sexualidade feminina. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 5(1), 128-151).

Rodrigues, W. (2012). Arte ou Artesanato? Artes sem preconceitos em um mundo globalizado. *Cultura Visual*, 18, 85-95.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, Trads.). Zahar.

Shakespeare, W. (1997). O Rei Lear (M. Fernandes Trad.). L&PM. (Obra original publicada em 1606).

Shakespeare, W. (2002). O Mercador de Veneza (H. Barbas Trad.). Água-forte. (Obra original publicada em 1600).

Souza, P. F. (2022a). A posição da poesia na teorização freudiana: o ato do poeta entre o particular e o universal. *Ágora: Estudos Em Teoria Psicanalítica*, 25(3), 43–51.
<https://doi.org/10.1590/1809-44142022003006>

Souza, P. F. (2022b). Freud e (a ausência de) Pandora. *Revista Archai*, 32(32).
https://doi.org/10.14195/1984-249X_32_23

Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, 9(16), 115-132.

Teodoro, E. F., Chave, W. C. & Silva, M. L. (2020). Freud e a questão do feminino: pressupostos míticos da prática clínica. *Ágora*, 23(3), 72–80.
<https://doi.org/10.1590/1809-44142020003010>

Valdivia, O. B. (1997). Psicanálise e feminilidade: Algumas considerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 17(3), 20–27.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000300004>

Villari, R. A. (2000). Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(2), 2–7.
<https://doi.org/10.1590/S1414-98932000000200002>

Vitória, J. C. (2019). Tempo e Transitoriedade. *Rev. CEPdePA*, 26, 27-41.

Zafiropoulos, M. (2009). A teoria freudiana da feminilidade: de Freud a Lacan. *Reverso*, 31(58), 15-24.